



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

**JESUS E AS MULHERES: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA E
TEOLÓGICA DO DISCURSO DE CRISTO**

Raquel Vian Rodrigues

Lajeado, dezembro de 2021

Raquel Vian Rodrigues

JESUS E AS MULHERES: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA E TEOLÓGICA DO DISCURSO DE CRISTO

Monografia desenvolvida no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientadora:

Dra. Makeli Aldrovandi

Lajeado/RS, dezembro de 2021

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1 Sob a ótica de Charaudeau	6
2.2 Sob a ótica teológica	14
3 METODOLOGIA	18
3.1 Abordagem e tipo de pesquisa	18
3.2 Procedimentos metodológicos	19
4 ANÁLISE DAS PASSAGENS	22
5 ANÁLISE GERAL DOS DADOS OBTIDOS	38
6 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	43
ANEXOS	44

JESUS E AS MULHERES: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA E TEOLÓGICA DO DISCURSO DE CRISTO

Resumo: É notável a pouca quantidade de trabalhos acadêmicos que apresentem e analisem linguisticamente as interações de Jesus com as mulheres na Bíblia. Por causa disso, foi desenvolvida uma monografia de cunho linguístico e literário, abordando Charaudeau (2019) e teólogos, com suas teorias linguísticas sobre o eu enunciador, encenações narrativas e o contexto histórico-bíblico. Através dessa pesquisa, pode-se analisar como se davam os diálogos de Cristo com mulheres, além também de entender o que Cristo pensava sobre elas. Foram escolhidas três passagens do evangelho de Lucas e três passagens do evangelho de João, sob o critério de desenvolvimento e relevância para a observação do material. A metodologia utilizada teve Bardin (2010) como principal fonte. Assim, com o que foi agrupado e analisado, chegou-se à conclusão de que Jesus possuía, majoritariamente, um eu enunciador perdoador e salvador, além de demonstrar apreço pelo sexo feminino, o qual era desprezado na época, e permitir que as mulheres o seguissem e ouvissem de sua palavra livremente.

Palavras-chave: Modos de organização do discurso. Eu enunciador. Bíblia. Jesus. Mulheres.

Abstract: It is remarkable how few scholarly papers present and linguistically analyze Jesus' interactions with women in the Bible. Because of this, a linguistic and literary monograph was developed, approaching Charaudeau (2019) and theologians, with their linguistic theories about the speaker, narrative enactments and the historical-biblical context. Through this research, it was possible to analyze how Christ's dialogues with women took place, in addition to understanding what Christ thought about them. Three passages from the Gospel of Luke and three passages from the Gospel of John were chosen, under the criterion of development and relevance for the observation of the material. The methodology used had Bardin (2010) as the main source. Thus, with what was grouped and analyzed, it was concluded that Jesus had mostly a forgiving and saving speaker, in addition to showing appreciation for the female sex, which was despised at the time, and allowing women to follow him and hear his word freely.

Keywords: Speech organization modes. Speaker. Bible. Jesus. Women.

1 INTRODUÇÃO

Compreender e dominar todas as áreas do curso de Letras é uma tarefa complexa, principalmente no que tange o entendimento da Linguística. Este campo, o qual engloba grandes linguistas como Charaudeau, Chomsky e Saussure, requer do acadêmico um estudo profundo até que assimile corretamente as ideias e teorias. Igualmente, conseguir usar esses conhecimentos para colocá-los em prática em uma pesquisa exige um esforço custoso.

De acordo com o que é possível afirmar, o estudo das escrituras bíblicas, com foco nos aspectos linguísticos do discurso de Jesus com as mulheres, ainda possui pouca repercussão nas mídias e em trabalhos acadêmicos, até mesmo em seminários evangélicos ou católicos, o que pode ser facilmente observado através de pesquisas em periódicos científicos e revistas de divulgação científica. A falta de trabalhos com este enfoque leva a diversas conclusões quanto ao ministério de Jesus, em especial à crença de que somente homens podiam ser seguidores dele e salvos por ele.

Para tratar a respeito deste assunto, este trabalho se empenhou em agrupar, ler e investigar passagens bíblicas nas quais Cristo fala e interage com mulheres. Para o desenvolvimento do trabalho, foram apresentados os referenciais teóricos linguísticos e bíblicos, respectivamente de Patrick Charaudeau (2019) e teólogos, para depois embasarem a realização metodológica do trabalho.

O tema da pesquisa foi a análise do discurso divino de Jesus Cristo nos livros bíblicos de Lucas e João, através da perspectiva linguística de Charaudeau e da perspectiva teológica, observando os diálogos e conclusões de Jesus enquanto interagia com mulheres. O problema da pesquisa é: como se dá a construção da imagem da mulher no discurso bíblico de Jesus, sob uma abordagem teológica e sob a perspectiva da análise do discurso de Charaudeau?

Quanto aos objetivos, o geral se debruçou na análise do discurso bíblico de Jesus, nos evangelhos de Lucas e João, através da delimitação do eu enunciador, segundo Charaudeau, e sob a perspectiva teológica, para verificar como ocorreram as interações entre Cristo e as mulheres da Bíblia. Já os específicos foram:

- a) Fazer um levantamento das interações de Jesus com mulheres na Bíblia, especificamente nos evangelhos de Lucas e João, verificando como ocorreram estas relações em seus contextos e construções narrativas;
- b) Discutir, sob a perspectiva teológica, a visão de Cristo quando fala sobre a concepção

de mulher;

- c) Investigar como se constrói o eu-enunciador, segundo Charaudeau, no discurso de Cristo encontrado em textos bíblicos.

Desta forma, como justificativa, apresenta-se a necessidade de serem trabalhadas as teorias de linguistas como Charaudeau e de haver pesquisas que tragam suas teorias, principalmente no que tange à análise das relações de Jesus Cristo com as mulheres nos evangelhos. Também, optou-se por esse tema por ser de grande valor para a pesquisadora poder entender melhor a Cristo.

No capítulo seguinte, serão introduzidos e desenvolvidos os referenciais teóricos do trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, estão apresentados os referenciais teóricos que embasaram a pesquisa. Para tanto, o referencial está organizado em duas seções, as quais tratam sobre os conceitos linguísticos de Patrick Charaudeau (2019), a exemplo o eu-enunciador, e os aspectos teológicos da exegese, estudo da interpretação gramatical e sistemática das Escrituras, e hermenêutica bíblica, que embasam como interpretar a Bíblia.

2.1 Sob a ótica de Charaudeau

Compreender a comunicação, assim como os sujeitos envolvidos nos atos e fazeres linguageiros, tem sido a tarefa de diversos estudiosos desde que se buscou entender como se constituem e se agrupam os elementos da linguagem. Dentre eles, grandes nomes como Benveniste, Chomsky e Charaudeau construíram suas teorias durante longos anos, posteriormente compondo-as em obras que embasam variadas pesquisas da atualidade.

Patrick Charaudeau, linguista francês nascido em 1939, se deteve em compor sua obra *Linguagem e Discurso*, visando expor seu ponto de vista sobre como se relacionam os sujeitos na comunicação e seus modos de organização de discurso. É nessa obra que este trabalho documental irá se focar para estudar o eu-enunciador de Jesus Cristo, também analisando os

modos enunciativo e narrativo de organização do discurso conforme aparecem nos livros dos apóstolos Lucas e João da Bíblia.

Dentre todas concepções que Charaudeau desenvolve, a primeira, apresentada abaixo, também a base deste trabalho, é a constituição do ato de linguagem e seus sujeitos. Seguindo essas abordagens, após uma breve apresentação dos modos de organização do discurso, é tratado sobre o modo enunciativo e seus desdobramentos nas funções alocutivas, elocutivas e delocutivas. Depois, foi desenvolvido o modo narrativo, o qual se divide em uma lógica narrativa, parte que aborda sobre os actantes e os processos narrativos, além também da encenação narrativa, que trata dos componentes e dispositivos narrativos. No parágrafo seguinte inicia-se a explicação do viés linguístico.

O ato de linguagem, segundo Charaudeau (2019), constitui-se como uma encenação ou interpretação, parte na qual se encontram quatro sujeitos: o sujeito comunicante (EUC), o sujeito enunciador (EUE), o sujeito interpretante (TUI) e o sujeito destinatário (TUD). Esses quatro, ao invés do comumente Eu e Tu, constituem o universo do discurso EU. Flores et al. (2009) define essa encenação dos quatro como uma peça de teatro, em que o locutor utiliza-se de diferentes mecanismos para alcançar os resultados esperados sobre o interlocutor.

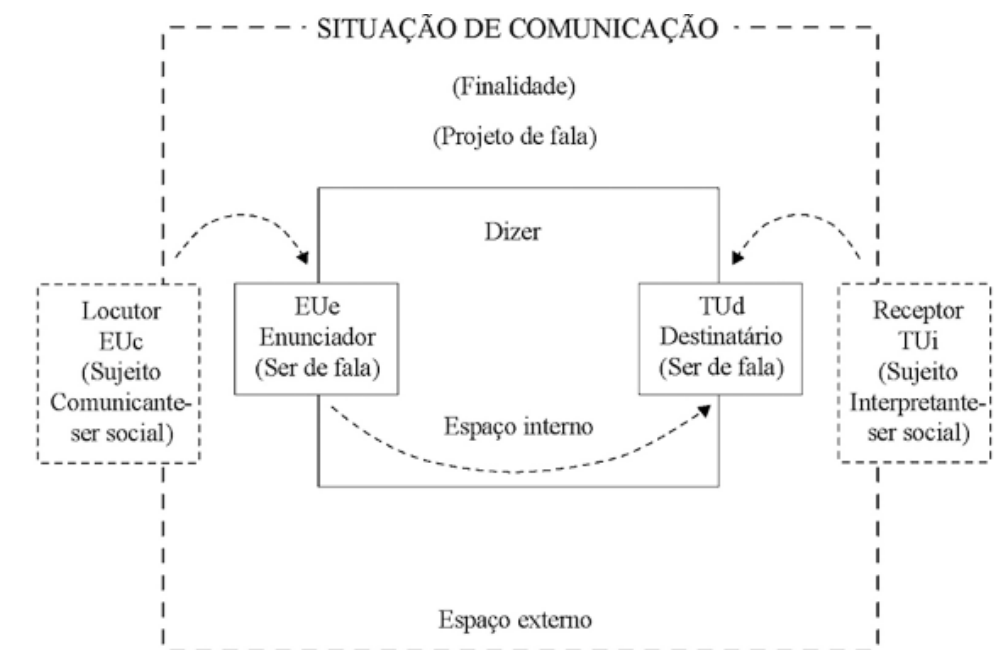
Os dois primeiros sujeitos, comunicante (EUC) e enunciador (EUE), tratam-se da construção real do indivíduo e do produtor de fala, respectivamente. O primeiro é o articulador da fala, além de ser imutável em relação ao EUE. Esse também, no universo do discurso, representa a figura real do sujeito. Já o EUE é como a intenção ou hipótese da qual o EUC faz uso no ato de linguagem, estando sempre presente durante a configuração verbal, mesmo que não se possa enxergar através de marcas pronominais ou pessoais.

Por outro lado, os sujeitos interpretante (TUI) e destinatário (TUD) dependem da existência do EU para se construírem no ato de linguagem. Esses dois sujeitos apresentam similaridades no modo de se entendê-los nas circunstâncias do discurso, sendo o TUI composição da imagem real e o TUD do ser de fala. Diferentemente, entende-se também, através do que explicita Charaudeau (2019), que o TUD pode representar um ou vários destinatários. Ao exemplificar uma situação, o linguista cita que, ao se comunicar através de um recado em um trabalho escolar, tanto os pais quanto o filho podem ser os destinatários, ou simplesmente TUD.

No que tange o ato linguageiro, Corrêa-Rosado (2014) define essa encenação interna, do EUe e TUd, como consequência da dimensão explícita e implícita presentes na comunicação. Assim, não somente o que podemos ver durante um diálogo, mas também todo conhecimento abordado são passíveis de observação, por mais que este segundo lado do comunicar seja mais implícito.

No quadro abaixo, está o esquema construído pelo autor para demonstrar como ocorre uma situação de comunicação.

Figura 1 - Quadro de situação de comunicação



Fonte: Charaudeau (2019, p. 52)

Como está apresentado acima, em uma situação de comunicação, o locutor EUC (sujeito comunicante - ser de fala) e o receptor TUI (sujeito interpretante - ser social), os quais configuram a imagem do sujeito, encontram-se no espaço externo do ato da comunicação. Já o EUe enunciador (ser de fala) e o TUd destinatário (outro ser de fala) posicionam-se no espaço interno da comunicação, constituindo todos um cenário de interpretação discursiva, o qual pode ser entendido como físico e mental, definição estabelecida por Flores et al. (2009).

Por sua complexidade, para que seja possível entender a comunicação, também é preciso entender dois modos importantes quando se trata de relatos bíblicos: os modos de organização enunciativo, no qual todos modos convergem, e o modo de organização narrativo, bastante útil na análise da Bíblia. Será tratado, primeiramente, o modo enunciativo, o qual é

mais abrangente em relação aos outros quatro modos apresentados no livro do linguista Charaudeau (2019).

Em primeiro lugar, é preciso entender o que é comunicação e o que seria um modo de organização discursivo. Charaudeau (2019) entende a comunicação como um dispositivo no qual se encontram o locutor e o interlocutor estabelecendo uma relação dialógica. Nesta, tanto a construção real quanto o produtor de fala organizam um contrato de *troca* ou *não troca*, sendo a *troca* uma comunicação de dois lados e a *não troca* como um monólogo, somente escuta sem resposta real.

No que diz respeito aos modos de organização do discurso, o linguista apresenta em seu livro os quatro que integram a matéria linguística, sendo o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. Conforme Flores et al. (2009), o procedimento de estruturação dos modos ocorre de forma a categorizá-los no discurso segundo a finalidade que possuem durante o ato de comunicação.

O primeiro modo, o enunciativo, de certa forma, pode-se afirmar que abrange os outros três, ou como afirma Charaudeau (2019), “comanda o funcionamento dos demais modos de organização do discurso”, tendo por isso uma importância primária na compreensão dos seguintes. No quadro abaixo estão demonstradas as funções e os princípios de organização de cada um dos modos.

Figura 2 - Quadro dos modos de organização do discurso

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	Relação de influência (EU -> TU) Ponto de vista do sujeito (EU -> ELE) Retomada do que já foi dito (ELE)	• Posição em relação ao interlocutor • Posição em relação ao mundo • Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	Identificar e qualificar seres de maneira objetiva / subjetiva	• Organização da construção descritiva (Nomear-Localizar-Qualificar) • Encenação descritiva
NARRATIVO	Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.	• Organização da lógica narrativa (actantes e processos) • Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	Expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor	• Organização da lógica argumentativa • Encenação argumentativa

Fonte: Charaudeau (2019, p.75)

Partindo para o modo de organização enunciativo, este tem como foco principal os atos languageiros dos seres de fala, o EUe e o TUD. Enunciar, como define Charaudeau (2019), condiz com a ideia de expor, formular ou exprimir. Este modo apresenta três funções, sendo elas a alocutiva, a elocutiva e a delocutiva, que serão explicadas a seguir.

O comportamento alocutivo dedica-se a exprimir a ideia de posição do sujeito em relação ao outro, a qual Patrick Charaudeau (2019) chama de relação de influência. As posições em que o sujeito pode se apresentar, durante um enunciar alocutivo, podem ser de superioridade ou de inferioridade. Esta relação de força, que tratamos por superioridade, é apresentada nas modalidades alocutivas de interpelação, injunção, autorização, aviso, julgamento, sugestão e proposta.

Explicando cada uma das modalidades alocutivas de superioridade, tem-se: interpelação, quando o locutor destaca um indivíduo em meio a outros e obriga-o a significar sua presença; injunção, quando o locutor ordena algo e o interlocutor não tem alternativa a não ser obedecer; autorização, que implica no locutor conceder a permissão de o interlocutor realizar uma ação; aviso, na qual o locutor informa outro sobre algo que esse desconhecia; julgamento, quando o locutor julga uma ação do interlocutor como boa ou má; sugestão, na qual o locutor beneficia o interlocutor propondo uma sugestão; e proposta, quando o sujeito escolhe beneficiar a si ou a ambos, ele e o interlocutor, através de uma ação sozinha ou em conjunto.

Contemplando o lado oposto, a inferioridade é apresentada como uma relação de petição. As modalidades alocutivas correspondentes são: interrogação, quando o locutor não sabe algo e necessita que o interlocutor responda, e de petição, quando o locutor pede ajuda ao interlocutor e este, por sua vez, possui a predisposição de conhecimento para realizar o que foi pedido, ainda que não o faça espontaneamente.

No que concerne ao comportamento elocutivo do modo enunciativo, tal pertence ao campo da exposição de perspectiva. O interlocutor não precisa tomar uma posição quanto ao que foi declarado pelo locutor. As categorias modais desse comportamento se dividem em outras sub categorias, chamadas de ponto de vista. Eles se dividem em: ponto de vista do modo de saber (modalidades de constatação e de saber/ignorância), ponto de vista de avaliação (modalidades de opinião e apreciação), ponto de vista de motivação (modalidades de obrigação, possibilidade e querer), ponto de vista de engajamento (modalidades de promessa, aceitação/recusa, acordo/desacordo e declaração) e ponto de vista de decisão (proclamação).

O último comportamento, o delocutivo, expressa uma atitude de apagamento. O interlocutor não é necessário nesse ato de comunicação. Na construção delocutiva, duas divisões são feitas quanto a suas possibilidades: o propósito por si só, correspondendo a evidência, probabilidade, entre outras que se ligam ao modo e grau de asserção; e o propósito é um texto, que corresponde a modelos distintos de discurso relatado. A modalidade apresentada aqui é a asserção, que pode significar afirmação ou asseveração.

O segundo modo de organização discursiva que cabe a este trabalho é o narrativo. Este modo equivale a uma sequência lógica construída por um contador, o qual está inserido em

um contexto e possui uma intenção com o que está sendo contado, como define Charaudeau (2019). O autor, ao citar os evangelhos, enquadra-os no contar na unicidade, que explora a crença comum de uma verdade única. Além disso, ele também explicita que

Aqui também, não há um autor real, ou, quando é o caso (evangelhos), trata-se de um autor-designado encarregado de testemunhar e transmitir a palavra que lhe foi revelada. Os destinatários são convocados a ler uma narrativa que lhes diz qual é sua origem e qual é seu destino. (CHARAUDEAU, 2019, p.155.)

A função deste modo narrativo é basicamente descrever ou narrar acontecimentos, dividindo-se em dois sujeitos que desempenham esses papéis: o que descreve detalhes e o que narra diretamente como testemunha de algo. A articulação deste modo acontece de forma a construir a trama de uma história e de forma a tornar as ações e a história em um universo narrado. A primeira é chamada de organização da lógica narrativa e a segunda de organização da encenação narrativa.

Os componentes da lógica narrativa são os actantes, que estão ligados a uma ação, os processos, que juntam os participantes da ação, e as sequências, que unem os componentes anteriores a um objetivo final. Para os dois primeiros, os actantes e os processos, Charaudeau (2019) elaborou questionários que ajudam a qualificá-los. Eles são bastante úteis para que se possa ser objetivo na análise de elementos da narrativa.

O primeiro questionário se delimita a classificar o actante. Antes de tudo, é necessário que se verifique se o actante age ou sofre a ação. Depois, se o actante está agindo, observa-se se ele é o agressor, o benfeitor, o aliado, o oponente ou o retribuidor do outro actante presente na narrativa. Se está realizando a ação, o actante pode agir de forma voluntária, involuntária, direta ou indireta. Quanto ao outro actante, se ele sofre a ação, é necessário observar se ele foi vítima (fugindo, respondendo ou negociando) ou beneficiário (retribuindo ou recusando). Nisto o linguista também atribui qualificações, sendo elas positivas (prestígio, virtude, força, inteligência, destreza, entre outros) ou negativas (desconsideração, vício, pusilanimidade, imbecilidade, inabilidade, etc.).

O segundo questionário caracteriza os processos narrativos. Primeiro, ele se detém a verificar se a ação realizada pelo agente caiu sobre ele mesmo (beneficiário ou vítima) ou sobre o outro (beneficiário ou vítima). Depois, averigua-se se o ato tem a função de melhorar, conservar ou degradar um estado inicial, seja ele em favor do sujeito em questão ou do outro. Assim, se for para melhorar, conservar ou degradar a si próprio, pode se ter uma eliminação

de um adversário, resolução de um problema, prevenção de um conflito, autodegradação ou outras classificações. Já em relação à realização “cair sobre o outro”, expressão usada por Charaudeau (2019) para caracterizar uma ação que causa efeitos sobre o próximo, pode se ter um melhoramento, conservação ou degradação, tendo como exemplo a eliminação de um adversário do outro, a intervenção em favor do outro, a vingança como punição do outro, etc.

Quanto às sequências da lógica narrativa, estas são organizadas prezando o princípio da coerência, que trata das funções de abertura e fechamento de uma sucessão de ações; princípio da intencionalidade, que segue o processo de abertura > falta > busca > estado final (êxito ou fracasso); princípio do encadeamento, que combina a coerência com a intencionalidade; e o princípio da localização, que por fim se refere ao espaço em que acontece o ato narrativo.

Relativo à encenação narrativa, segundo tópico que concerne à articulação do modo narrativo, seus componentes são o dispositivo narrativo e os parceiros e protagonistas da encenação. O dispositivo demonstra onde estão presentes o autor (escritor) e o leitor real (pessoa lendo) no espaço externo, e o narrador e leitor destinatário no espaço interno, os quais estabelecem uma relação através da história contada como real ou como ficção.

Quanto aos parceiros e protagonistas, primeiramente destaca-se o autor real e leitor real, os quais podem apresentar duas classificações. O autor-indivíduo pode ser um agente na vida social, com suas próprias individualidades, e estar convocando um leitor real, o qual teria que entender o testemunho do autor sob sua própria ótica de vida; ou um autor-escritor, que levaria o leitor possível a reconhecer o projeto de leitura do autor e usar sua competência para leitura neste processo.

Em segundo lugar, está o narrador e o leitor-destinatário. Esses também se dividem em dois papéis distintos: o de historiador, que constrói uma narrativa fiel ante a realidade histórica que foi exposta, exigindo que o leitor-destinatário aceite a história contada como real; e o de contador, que tira de sua mente uma história imaginária, chamando o leitor-destinatário a entender aquela construção narrativa como pertencente ao mundo da ficção.

Perante a construção dos sujeitos na situação de comunicação e os modos de organização do discurso enunciativo e narrativo de Patrick Charaudeau (2019), segue-se agora para o viés de análise teológica das escrituras bíblicas.

2.2 Sob a ótica teológica

Para que se possa analisar os textos bíblicos, não basta se deter somente no estudo do discurso pela da linguística. Também, é necessário ler e entender a Bíblia através do auxílio de recursos teológicos, os quais se focam especificamente em assimilar corretamente o que falam os autores desse livro sagrado. Refletindo nisso, interpretar a palavra de Deus é uma tarefa difícil, porém que tem sido facilitada através de dispositivos e obras que auxiliam leitores a explorarem esta obra sagrada da religião cristã. Considerando os problemas de se compreender os textos bíblicos, Roy Zuck (1994) afirma que isso ocorre principalmente pela antiguidade dessa obra, a qual foi iniciada há 3400 anos atrás, sendo concluída há cerca de 1900 anos. Adiante, o autor explora os abismos existentes pelo fato do cânone bíblico ser tão antigo.

Zuck (1994) apresenta seis abismos que dificultam a leitura da Bíblia e afastam os leitores do campo de compreensão da construção histórica das escrituras. O primeiro deles é o abismo do tempo, que expressa o espaço temporal, apresentando o distanciamento das pessoas dos autores dos livros sagrados. O segundo, o abismo do espaço, afasta também quanto ao local em que ocorreram as histórias narradas, o que agrega também o abismo cultural, com ambientes totalmente fora dos costumes aos quais as pessoas estão habituadas.

Outro abismo que o teólogo expõe é o linguístico, ou os próprios idiomas, dado que a Bíblia foi escrita em aramaico, hebraico e grego, línguas que se diferenciam grandemente do português e inglês. Ademais, o abismo da escrita, ou simplesmente literário, expressa formas diferentes de se manifestar e que, por termos avançado quanto aos gêneros textuais, podemos ter dificuldades ao ler, como por exemplo provérbios. Por fim, Zuck (1994) levanta a ideia do abismo espiritual, que corresponderia aos pensamentos e o agir de Deus, que por vezes podem estar fora da compreensão humana.

Refletindo a respeito de interpretação, os teólogos Fee e Stuart (2011) apresentam duas tarefas necessárias e relevantes ao se entrar em contato com a Bíblia e estudá-la. Primeiramente, os estudiosos falam de Exegese, que seria buscar o significado original das passagens bíblicas no tempo em que foram escritas e expostas, melhor dizendo, o significado que tinha também para as pessoas da época e que se reflete igualmente na atualidade. Zuck

(1994), similarmente, explicita que a exegese é o processo de busca pelo sentido histórico e literário da palavra de Deus, ou simplesmente, a interpretação em si. Além disso, o escritor afirma que dentro do processo da exegese, o estudo e a apresentação ao público se incorporam também, sendo a compreensão a peça fundamental para que as outras duas etapas ocorram.

A segunda tarefa na interpretação se chama Hermenêutica. Nisto os autores estudados se diferem um pouco, também expondo de forma diferente. Fee e Stuart (2011) compreendem a hermenêutica como a aprendizagem de uma escuta cuidadosa e observadora dos textos bíblicos nos contextos em que vivemos atualmente. Aliás, ambos, da mesma forma, enxergam a hermenêutica sendo uma junção dela com a exegese, isto é, executadas ao mesmo tempo.

Por outro lado, Roy Zuck (1994) entende a hermenêutica como uma ciência e arte, ambas focadas na interpretação, sendo a ciência os princípios (mandamentos e diretrizes) da apuração do texto bíblico e a arte como a tarefa envolvida nisso. Ainda, Zuck (1994) como professor e estudioso da área, elaborou um quadro demonstrativo do processo de interpretação, demonstrando que a hermenêutica e a observação vem anteriormente à exegese, como está recortado abaixo.

Figura 3 - Pirâmide dos processos hermenêuticos



Fonte: Zuck (1994, p.23)

Como é possível observar, os processos hermenêuticos buscam o ponto final, a edificação do ser humano, sendo necessário se passar também pela correlação teológica, aplicação individual, o estudo da homilética ou pedagogia, visando a transmissão do conteúdo, para que então o que foi estudado possa ser exposto e refletido pelos ouvintes, a fim de que sejam edificados pela exposição bíblica.

Para que se possa fazer um bom estudo e interpretação da Bíblia, ou seja, uma boa exegese e hermenêutica, certas etapas são necessárias durante o processo de leitura desse livro. Conforme Fee e Stuart (2011), ajuda externa na exploração bíblica é um fator crucial e necessário, além também das ferramentas corretas para a construção das devidas conclusões a respeito dos textos que são estudados.

De acordo com Zuck (1994), a tradução ou o “tornar claro” do cânone bíblico, outros termos para interpretação, já ocorriam desde antes de Cristo, como o autor exemplifica ao citar a exposição das leis de Moisés por parte do profeta Esdras no livro de Neemias, os quais leram para o povo e também explicaram de modo que todos ouvintes pudessem entender o que se lia. Na atualidade, essa atividade ainda é exercida, seja entre duas pessoas conversando sobre a palavra de Deus ou em um culto religioso quando o pastor lê e expõe seu entendimento das escrituras.

Retomando o ponto sobre as etapas exegéticas necessárias para uma boa consideração final ao ler a Bíblia, o primeiro fator preponderante encontra-se em um olhar crítico e detalhista quanto ao contexto histórico dos livros em questão. Considerando este tópico, Fee e Stuart (2011) ressaltam as particularidades do contexto histórico, o que vale-se de época, cultura do autor, fatores geográficos, topográficos, políticos, além da ocasião da obra, seja ela um livro, carta, salmo, oráculo profético ou um gênero distinto dos citados anteriormente.

Além disso, os autores de *Entendes o que lê*s (2011) destacam ferrenhamente o quanto considerar a historicidade, durante a análise exegética, pode fazer toda diferença para a compreensão, já que, para que se possa entender diversos livros e passagens da Bíblia, somente ler, sem um pano de fundo, pode não suprir a necessidade de entendimento, o que Zuck (1994) também apresenta, acrescentando a indispensabilidade de se pensar no sentido original do texto, qual era o público-alvo e o objetivo do autor com aquela escrita.

A segunda etapa que Fee e Stuart (2011) discutem é a observação do contexto literário, o que não necessita que doutores ou especialistas apresentem, já que qualquer

indivíduo pode realizar tal olhar. Este quesito, em suma, refere-se à análise das frases e suas correlações com o que foi escrito anteriormente e posteriormente, além de considerar também a linha de pensamento do autor, o que se liga diretamente ao contexto histórico.

O terceiro ponto abordado pelos autores discorre sobre as ferramentas necessárias durante o processo de exegese, sendo elas: uma ou várias traduções bíblicas, já que não é sempre que se tem a Bíblia em suas línguas originais; um dicionário de grego ou hebraico, dependendo do testamento em questão, seja o novo ou o velho; e um bom comentário bíblico. Este último, trata-se de um livro de apoio com escritas de um autor sobre um ou mais livros religiosos. Um exemplo de obra assim é o *Comentário de Mateus* de D. A. Carson.

Dentre as três ferramentas listadas acima, os teóricos apontam que a mais básica é a tradução, sendo que dela vem boa parte da interpretação, já que o tradutor faz suas escolhas de palavras e o sentido que vai passar através dos textos originais. Ademais, os autores afirmam a necessidade de se usar mais de uma tradução, pois é perigoso confiar plenamente no que apresenta somente um comentarista, visto que, mesmo sendo a tradução mais correta possível, ainda poderá apresentar discordâncias ou discrepâncias em comparação a outras.

Encarando as dificuldades de ler e interpretar a Bíblia, fazer tais exercícios também é um desafio quando pensamos especificamente nos evangelhos, sendo eles Mateus, Marcos, Lucas e João, os quatro primeiros livros do Novo Testamento. Escritos há aproximadamente vinte séculos, são os escritos mais próximos da atualidade quando pensamos na totalidade do livro sagrado bíblico.

Paulo Won (2020) apresenta os evangelhos com seu originário grego, traduzido diretamente para “boas notícias”, sendo Mateus, Marcos, Lucas e João os nomes dos livros e dos próprios autores de cada documento. O foco principal de cada narrativa é o personagem Jesus, além também de trazer sua história e seus ensinamentos sobre a vida cristã. O escritor elucida igualmente a necessidade de entendermos que o Cristo dos evangelhos é o próprio Deus em carne, não apenas um personagem humano heróico.

Considerando a escrita destas supostas biografias de Jesus, Won (2020) aponta que os quatro escritores originais foram ora discípulos ora pessoas próximas com convivência direta ou indireta com Cristo. O processo de escrita foi basicamente relato e escuta, já que todos os ensinamentos de Jesus foram passados por mensagens para multidões ou a sós com os seus seguidores mais íntimos. Por acontecerem de forma oral, diversas pessoas já duvidaram da

veracidade das escritas dos quatro autores. Mesmo assim, ainda tratam-se de memórias atemporais desse ser intitulado Messias de Israel.

Em sua reflexão a respeito dos evangelhos, primeiramente tratando dos sinóticos, os três primeiros que apresentam similaridades, Won (2020) relata a ordem cronológica que foram escritos, seguindo do primeiro, Marcos, para os dois seguintes, Mateus e Lucas. O teólogo declara que há grande crítica na redação e na forma dos três livros, principalmente no que diz respeito aos relatos parecidos, por mais que apresentem pequenas distinções.

Já em relação à João, que apresenta uma linha lógica e narrativa diferente, o teórico Won (2020) comenta sobre a refinação e acabamento deste quarto evangelho. Além de seguir uma ordem distinta, também foi o último a ser escrito, provavelmente tendo contato com os livros de Mateus, Marcos e Lucas anteriormente. Assim, até mesmo algumas histórias da obra fazem sentido se pensadas pela ótica de um escritor posterior e observador do que foi produzido relativo a Cristo anos antes.

Através das duas perspectivas apresentadas acima, a questão linguística e o viés teológico, será analisado o personagem Jesus Cristo e passagens bíblicas nas quais ele teve contato com mulheres. Na seção seguinte, apresenta-se a metodologia do trabalho.

3 METODOLOGIA

A seguir, apresentam-se a abordagem e o tipo de pesquisa, além dos procedimentos metodológicos utilizados para alcançar os objetivos deste trabalho.

3.1 Abordagem e tipo de pesquisa

Por se tratar de uma análise de conteúdo envolvendo pesquisa bibliográfica, este trabalho teve uma abordagem qualitativa. Conforme Godoy (1995), a abordagem qualitativa abrange a pesquisa documental, estudo de caso e etnografia, das quais a primeira se debruça em escolher, ter contato e decifrar as entrelinhas de interpretação dos excertos lidos.

Quanto à pesquisa bibliográfica, Cervo, Bervian e Da Silva (2007) explicam que esse tipo de pesquisa “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses”. No que tange ao trabalho em questão, este está

classificado deste modo, pois foi feita uma análise dos livros de Lucas e João da Bíblia, nos quais a autora buscou explicar como se constitui o eu-enunciador de Jesus a partir de passagens bíblicas em que Cristo fala com mulheres, escritos estes escolhidos previamente.

3.2 Procedimentos metodológicos

Para Bardin (2010), realizar o ato de estudo do conteúdo é buscar o que está implícito ou explícito nos textos em questão. Como descreve a autora, para que seja possível este método de análise, é primeiro necessário que seja feita uma pré-análise do material, a exploração dele e depois a observação dos resultados alcançados, os quais requerem também uma inferência e interpretação.

A fim de alcançar os objetivos deste trabalho, os livros que foram trazidos, buscando analisar o conteúdo dos discursos de Cristo, são Lucas e João. Estas obras bíblicas foram escolhidas, ao invés dos outros evangelhos nos quais Jesus aparece, pois apresentam uma quantidade maior de interações de Jesus com mulheres. Os quatro evangelhos foram previamente lidos para que então fossem separados esses dois para a pesquisa bibliográfica. Os livros de Mateus e Marcos possuíam poucas ou quase nenhuma interação de Cristo com pessoas do sexo feminino, por mais que sejam livros sinóticos juntamente com Lucas, ou seja, evangelhos que possuem passagens bíblicas similares, porém com pontos de vista diferentes.

Como Fee e Stuart (2011) declaram, a escolha de uma ou mais traduções é algo essencial para uma boa análise do conteúdo descrito na Bíblia. Pensando a respeito disso, a versão, ou tradução, escolhida foi a Nova Versão Internacional (NVI) por apresentar maior fidelidade aos textos originais em grego. Abaixo estão listadas as passagens escolhidas e uma breve frase que resume o que elas abordam. No Anexo A encontram-se os textos completos.

- A mulher “pecadora” que unge Jesus (Lucas 7: 36 - 50);
- A cura da mulher do fluxo de sangue (Lucas 8: 40 - 48);
- As irmãs que recebem Jesus em casa (Lucas 10: 38 - 42);
- A conversa de Jesus com uma mulher samaritana no poço (João 4: 1 - 30);
- A mulher pega em adultério e levada até Jesus para ser julgada (João 8: 1 - 11);
- Maria Madalena se encontra com Jesus no sepulcro após sua ressurreição (João 20: 11 - 18).

Apesar de existirem outros excertos que apresentem interações de Jesus com mulheres nos evangelhos, as passagens acima apresentam um desenvolvimento maior e também diálogos mais significativos que os outros previamente lidos. Além disso, por serem evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), várias representações de discursos de Cristo também aparecem em Mateus e Marcos, por isso só foi necessário trazer Lucas para esta pesquisa.

Para chegar até a escolha das seis passagens, três em Lucas e três em João, a autora primeiramente selecionou todos textos dos evangelhos nos quais Jesus falava sobre mulheres ou interagiu com elas. Depois dessa seleção, todos escolhidos foram lidos por ela. Nesta primeira parte, 16 trechos foram selecionados, sendo que desses apenas cinco não se repetiam em mais de um livro e os outros dez que apareciam eram repetições, como por exemplo a história do encontro de Maria Madalena com Jesus em seu sepulcro, a qual aparece em Mateus, Marcos e João.

Feita a leitura, a autora escolheu os seis textos pelo critério de desenvolvimento, ou seja, selecionou as passagens que possuíam mais conteúdo, eram mais longas e também possuíam uma quantidade maior de interação de Jesus com a mulher de cada história, seja por meio de diálogo com ela ou de monólogo falando sobre ela. Esta primeira fase de leitura e escolha dos textos corresponde à pré-análise descrita por Bardin (2010). Entrar em contato novamente com esses textos e relê-los foi a primeira parte da análise deste trabalho.

Seguindo as fases descritas por Bardin (2010), em seguida iniciou-se a análise dos textos após a leitura, isto é, a exploração do material. Apesar de a linguística ter entrado primeiro neste trabalho, primeiramente as questões de arcabouço teológico foram sondadas. Assim, por ser mais introdutório, a autora investigou o contexto histórico e literário de cada autor, utilizando obras basilares e o que a própria Bíblia falava sobre ele. Também foram trazidos os constituintes do dispositivo narrativo, os parceiros e os protagonistas da história descrita, conforme foi desenvolvido por Charaudeau (2019).

Depois da análise dos autores, foi feita a mesma observação contextual e histórica de cada obra, tendo também os comentários bíblicos sobre o Novo Testamento para auxiliar e guiar nestes aspectos. O critério de escolha destas obras de estudo da Bíblia foi a abordagem sobre os aspectos históricos, contextuais e literários de forma clara e objetiva.

Após a análise geral dos contextos dos evangelhos, parte que inicia a exegese e hermenêutica bíblica, foi realizado o estudo linguístico com base nos conceitos de Charaudeau (2019). Primeiramente, é necessário afirmar aqui que cada história possuiu os passos a seguir situados na ordem em que foram definidos, ou seja, foi analisado o autor Lucas e as passagens descritas por ele, juntamente com as análises respectivas de cada história, e então os mesmos passos com João.

Feita esta parte inicial, as primeiras análises foram feitas pensando no eu enunciator que Jesus apresentou na história (ANEXO B) e depois olhando para a história dentro do campo do modo enunciativo. Este modo apresenta três comportamentos, o alocutivo, elocutivo e delocutivo, como discorre Charaudeau (2019). Relativos a eles, as falas de Cristo foram analisadas, além também do que as mulheres falaram nas passagens bíblicas escolhidas. Todos os comportamentos e suas categorias estão inseridos no final do trabalho (ANEXO C).

Após a observação dos comportamentos dentro do modo enunciativo, foi feita a análise com base nos componentes do modo narrativo, a começar pelos questionários que classificam os actantes (ANEXO D) e posteriormente os processos narrativos (ANEXO E). Por fim, foi observada a sequência da lógica narrativa, pensando nos pontos de abertura, falta, busca e estado final.

Sendo assim, para que sejam contemplados os aspectos de análise teológica e linguística, que se enquadram na fase de exploração do material, segundo Bardin (2010), apresentam-se abaixo todos os passos da análise do conteúdo de cada passagem na ordem em que foram feitos.

- Releitura da passagem;
- Estudo do contexto histórico e literário dos autores e das passagens com base nos comentários dos livros sobre o Novo Testamento.
- Observação e escrita sobre Jesus em relação ao eu enunciator presente na história;
- Análise dos comportamentos alocutivos, elocutivos e delocutivos dos personagens no modo enunciativo;
- Análise com relação aos componentes do modo narrativo, sendo eles os actantes, os processos, a encenação e a sequência narrativa;

Encerrada esta parte de exploração do material, segue abaixo a parte da análise das passagens, seção essa que corresponde à exploração do material, segundo processo da análise de conteúdo de Bardin (2010).

4 ANÁLISE DAS PASSAGENS

Na seção presente, será apresentado o livro de Lucas, a análise do autor e do contexto em que ele escreveu, para então ser feita a análise das passagens contidas neste evangelho. Em seguida será feito o mesmo com João e com as interações de Jesus com mulheres desse livro.

4.1 As passagens do livro de Lucas

Como é conhecido por estudiosos e pesquisadores da teologia, Lucas não foi um dos doze discípulos de Jesus. Este veio a segui-lo posteriormente. Em seu evangelho, o homem se dirige a Teófilo, um homem que gostaria de saber mais sobre Cristo e sua trajetória. Tentando ajudá-lo, Lucas segue procurando por testemunhas do que Jesus havia feito até seus últimos suspiros na cruz, ressurreição e ascensão aos céus. O evangelista reúne o que conseguiu através de suas entrevistas e compõe o seu livro.

Tenney (2008), ao discorrer sobre a origem do evangelho de Lucas, traz os primeiros quatro versículos do livro como um norte para a leitura. O autor apresenta que, apesar do evangelista ter estado em contato com outros relatos das passagens de Jesus, ele sentiu a necessidade de botar suas investigações em ordem e formar sua própria narrativa concreta e apurada. De acordo com o teólogo, Lucas era um médico e parceiro de Paulo, tendo também escrito o livro de Atos, posterior ao evangelho de João na Bíblia. Além disso, o autor sugere que o livro poderia ter sido escrito em Filipos, onde o sujeito se instalou como pastor.

Com estes aspectos, podemos classificar, segundo os componentes da encenação narrativa de Charaudeau (2019), que o espaço externo e interno das narrativas foram bem distintos, como se apresentará mais posteriormente. Além disso, Lucas poderia ser classificado como um autor-escritor, que apresenta seu projeto de leitura, e também narrador-historiador, por construir a obra em volta de sua investigação acerca do que leu e de quem entrevistou.

Nas seções seguintes, irão ser introduzidas as descrições das histórias de Lucas, as análises teológicas e as análises linguísticas. Além disso, após este evangelho, o mesmo será feito com o livro de João.

4.1.1 A mulher “pecadora” que unge Jesus (Lucas 7: 36 - 50)

Nesta primeira passagem, Jesus se encontra convidado a participar de um jantar oferecido por um fariseu, o qual havia convidado outras pessoas a estarem presentes também. Sabendo da presença de Cristo no jantar, uma mulher adentra o ambiente e derrama um vaso de alabastro sobre os pés de Jesus, logo em seguida começando a molhar os pés dele com lágrimas, secar com os cabelos e depois perfumá-los. Vendo isto, o fariseu fica abismado, falando para si mesmo que a mulher era uma pecadora.

Como Jesus tinha o costume de ensinar por parábolas, pequenas histórias com ensinamentos, se colocou a contar sobre um senhor que havia perdoado a dívida de dois homens, os quais deviam quinhentos denários e cinquenta denários respectivamente. Cristo questiona ao fariseu qual deles havia sido mais perdoado e o homem responde que havia sido o que mais devia ao senhor. Nisto Jesus faz comparação com a mulher que estava aos seus pés o ungindo, sendo que ela tratou ele muito melhor que aquele fariseu, o qual não o ungiu e nem saudou-o com um beijo na face ao chegar.

Ao final da passagem, Jesus retorna sua atenção à mulher, declarando que os pecados dela estavam perdoados e a fé dela a havia salvado, deixando os convidados de Simão, que descobrimos se chamar assim no versículo 40, perplexos por causa do homem ser capaz de perdoar pecados. Cristo finaliza, após declarar perdão sobre a moça, dizendo que agora ela pode ir em paz.

Para que seja possível entender melhor o contexto do que estava acontecendo, é necessário entender o ambiente em que tudo estava ocorrendo. Segundo a Bíblia King James Atualizada (2016), o jantar em que Jesus estava presente era compreendido como uma refeição de grande estirpe, principalmente por ser oferecida por um fariseu, homem religioso da época. Além disso, como era de costume, as mesas eram baixas e os convidados se sentavam em espécies de almofadas, as quais deixavam os indivíduos de joelhos, com os pés

postos para trás, o que explica a mulher entrar e ter livre acesso aos pés de Cristo para molhá-los, secá-los e perfumá-los.

De acordo com Gundry (2008), em seu panorama sobre o Novo Testamento, Jesus compara a mulher com o fariseu anfitrião em seus atos pois, ao adentrar o jantar, ele que deveria tê-lo recebido com um beijo na face e ungido-o com óleo, já que essas atitudes demonstravam uma cortesia do homem com seu convidado, algo que demonstrou a falta de apreço de Simão por Cristo.

Nesta história, podemos observar o eu enunciador de Jesus como um homem de ensino e compaixão com os pecadores. Ao invés de agir como um religioso, um fariseu, desprezando pessoas de presença inferior, este se dirigiu a todos a dar-lhes uma lição, também favorecendo a mulher que se encontrava ali. Com isto, também estabelecemos a função alocutiva na relação de influência de superioridade: quando Cristo julga as ações de Simão como más.

Já em relação à mulher presente na narrativa, Jesus se comporta de forma delocutiva, ao declarar para ela seu ponto de vista de engajamento, dizendo que ela havia se salvado pela fé que tinha. Além disso, ao falar que a mulher pode ir em paz, Cristo autoriza ela a ir pacificamente ao encontro da paz, o que caracterizaria uma relação de superioridade na função alocutiva. É importante ressaltar que, nesta relação de superioridade, é possível ver que Jesus é o detentor da paz, demonstrando uma autoridade sobre a mulher e uma relação de poder.

Quanto ao modo de organização narrativo, Jesus é o actante que age como benfeitor da mulher, fazendo-o de forma voluntária, trazendo qualificações positivas sobre sua atitude ao ungi-lo. Já a mulher é a actante que sofre a ação, porém de forma beneficiária. Assim, em relação a este processo narrativo, o ato de Cristo cai sobre a mulher com a função de melhorar seu estado inicial, de forma a intervir no problema que Simão levanta ao constatar que esta que estava tocando Jesus era uma pecadora. Com isto, os atos de fala de Cristo encorajam a mulher a prosseguir em paz com sua nova vida agora restaurada pelo perdão.

Observando a sequência da história, a abertura acontece quando Jesus vai à casa do fariseu Simão para um jantar. A falta se dá ao adentrar uma mulher desconhecida e ungir os pés de Jesus, lavando-os com suas lágrimas e secando-os com seus cabelos. A busca acontece quando Cristo, tentando defender a mulher através de uma parábola, repreende Simão por não

tratá-lo como ela. Assim, o estado final é de êxito para a mulher, já que a defesa feita em favor dela foi bem sucedida.

4.1.2 A cura da mulher do fluxo de sangue (Lucas 8: 40 - 48)

Nesta segunda passagem, a qual se repete em outros livros dos evangelhos, está apresentada a história de uma mulher que havia sofrido de hemorragia por 12 anos, sem nunca ter achado a cura. Quando Jesus passava por entre uma multidão, a mulher tocou no manto que Cristo estava usando, imediatamente ficando curada de seu sangramento constante. Ao perceber que havia liberado poder de cura do seu corpo, Jesus questionou quem o tinha tocado, mas ninguém soube responder, até mesmo Pedro, um dos discípulos, afirmou que todos estavam se juntando e apertando-o.

Não conseguindo se esconder, a mulher se aproxima de Jesus temerosa, contando o porquê de tê-lo tocado e de sua cura imediata ao encostar no manto do homem. Com isso, Cristo afirma que a fé da mulher a havia curado e que ela poderia ir em paz, assim como na história da mulher que o ungiu.

Apesar do contexto distinto, o final da história é bastante similar com a passagem da mulher que unge Jesus. Analisando o contexto literário, Cristo e seus discípulos, no momento em que passaram pela mulher com hemorragia, estavam voltando da região de gerasenos, onde ele havia operado a cura de um endemoninhado, o que anteriormente e com os dois acontecimentos seguintes demonstrou "a derrota dos quatro inimigos implacáveis do homem: a natureza, os demônios, a doença e a morte", como retrata Pinto (2008). A parte da doença cita a história sobre a qual se discorre aqui.

Diferentemente da outra passagem, como também a King James (2016) destaca, ao proferir suas últimas palavras à mulher, Jesus a chama de filha. Os comentários desta Bíblia explicam que, por sofrer de hemorragia, ela devia estar há anos longe de sua família e sociedade por causa de sua doença, além também de ser humilhada e desprezada por sua condição de saúde. Ao chamá-la de filha, Cristo se dirige a ela de um modo que não fez a nenhuma outra pessoa em todo evangelho de Lucas, talvez tratando-a assim para amenizar seu longo sofrimento e confortá-la com suas palavras.

Outrossim, ao indagá-la dentre a multidão, Gundry (2008) expressa que isto havia demonstrado o "discernimento profético" de Jesus, o qual coloca a situação à vista de todo povo, tendo o escritor como primeira testemunha do acontecimento, além de toda multidão que comprimia o homem e seus seguidores, pessoas estas que foram testemunhas oculares da cura da hemorragia.

Nesta passagem, o eu enunciador de Cristo caracteriza-se como compassivo e profético, o qual era capaz de liberar cura somente através do toque em sua vestimenta. Apesar do tom que possivelmente amedrontou a mulher, quando Jesus questionou quem havia tocado em seu manto, é possível ver o desfecho aliviar tanto a situação quanto a mulher ali presente e curada, a qual pode retornar ao seu convívio familiar e social.

Enquanto perguntava quem o havia tocado, Cristo estabelece uma relação de superioridade na modalidade de interpelação da função alocutiva, esta que destaca um indivíduo em meio aos outros e obriga-o a ressignificar a sua presença, como define Charaudeau (2019). Já ao insistir na afirmativa de que havia sido tocado e de que saíra poder de seu corpo, Jesus opera com um comportamento elocutivo do ponto de vista de saber, constatando o que havia ocorrido.

Segundo a organização do modo narrativo, o actante Cristo sofre a ação, pois é tocado pela mulher de forma anônima, sem identificar quem havia encostado nele. Porém, como é possível observar, a actante mulher realiza a ação voluntariamente para beneficiar a si mesma, mas sem causar danos a Cristo. Reforçando o benefício recebido, o actante Jesus profere cura e paz sobre aquela mulher, a qual também chama de filha.

Nestes processos, verifica-se que a ação cai sobre a mulher, a fim de melhorar seu estado inicial, ou melhor, seu estado há 12 anos. Com isso, o primeiro ato de fala de Jesus demonstra um pedido, em vista de seu questionamento sobre quem havia tocado nele. Assim, no final da história, Cristo fecha o processo proferindo um ato de fala que caracteriza-se como um encorajamento, já que estimula a mulher a ter esperança de uma nova perspectiva de vida.

Quanto à sequência dos acontecimentos da história, a abertura acontece quando Jesus está caminhando por uma multidão e alguém o toca. A falta caracteriza-se como a vontade de ser curada pela mulher e a procura de Cristo quanto a quem o havia tocado. Já em relação à busca, Jesus chama quem havia encostado nele. Assim, o estado final é favorável para a

mulher, pois Cristo proclama paz sobre a mulher e que seus pecados foram perdoados, e esta é curada sem problema algum por ter tocado nas vestes dele.

4.1.3 As irmãs que recebem Jesus em casa (Lucas 10: 38 - 42)

Dentre as três passagens de Lucas que foram escolhidas para a análise, essa sem dúvidas é a mais curta e breve. Apesar disso, traz um profundo ensinamento sobre como Cristo vê as mulheres e o entrosamento delas em seu ministério, além de sua perspectiva sobre o discipulado feminino.

Nesta passagem, que ocorre logo após o ensinamento da parábola do bom samaritano, Jesus estava passando por um povoado e foi convidado à casa de duas mulheres que viriam a ser muito próximas a ele, as quais também eram irmãs de Lázaro, que se tornaria grande amigo do Cristo. Ao adentrar a casa das duas, Maria se põe a escutar os ensinamentos dele, enquanto Marta, preocupada com o serviço, provavelmente pelos muitos convidados, não parou com seus afazeres.

Reclamando da irmã que estava ouvindo ao invés de ajudar, Marta se aproxima e pergunta se Jesus não se importava com sua irmã ali, logo ordenando que ele pedisse para Maria ir ajudá-la também. Porém, diferente do que se esperaria de um homem judeu, Jesus elogiou Maria por escolher ficar com a melhor parte, ouvindo suas palavras, e repreendeu Marta por estar inquieta com muitas coisas a fazer.

De acordo com a King James (2016), Cristo, através de suas palavras nesta breve história, quis exemplificar o quanto se retém a atenção às coisas menos importantes, como os cuidados com o serviço da casa, ao invés de dar-se atenção a ele, que seria mais precioso que um banquete de refeições: o próprio banquete espiritual. Maria, escolhendo estar com Jesus e ouvi-lo, fez uma boa escolha, ou até, a melhor de todas.

Além disso, como se tem conhecimento da época, o judaísmo valorizava deveras o homem, sendo que a mulher não poderia nem se dirigir a um desconhecido, deveria passar despercebida entre eles e não falar em público. Na passagem em questão, Maria quebra essas regras, o que não gera nenhuma reprimenda de Cristo, mas um elogio da parte dele. Mesmo Marta estando a cumprir seu dever como mulher judia da época, isso é motivo para Jesus

apontá-la como inquieta e ansiosa, esquecendo que o mais importante era dar atenção ao rei, como destaca Pinto (2008).

Além disso, ao falar sobre ensino, Gundry (2008) levanta a questão do discipulado, isto é, escutar os ensinamentos de Cristo estando próximo a ele, como algo reservado somente aos homens. Através do convite das irmãs, Maria pôde sentar aos seus pés, estando também a ouvir a Jesus em primeira mão. Ainda, o autor afirma que Jesus quis demonstrar que não era necessário servir o alimento para ele e os discípulos, mas receber o privilégio de tê-lo ali a falar.

Observando o eu enunciador de Cristo nesta parte de Lucas, vê-se um sujeito que requer atenção sobre suas falas e ensinamentos como prioridade de todos momentos, ou ao menos no tempo em questão. Também, é possível atentar para a perspectiva que esse enunciador tem quanto às mulheres, as quais podem igualmente fazer parte do seu discipulado e ministério, sem precisar estar servindo aos homens como a sociedade judaica da época propagava.

Quanto aos aspectos linguísticos, a começar pelas falas de Marta, esta duas vezes se comporta de forma alocutiva, estabelecendo relações de influência. Na primeira parte da sua fala, ao perguntar se Jesus não se importava com sua irmã não estar ajudando no serviço, Marta faz uma interrogação, classificada como uma posição de inferioridade. Logo após, ela ordena que Cristo diga a sua irmã ajudá-la, o que, por outra vez, é um comportamento superior, contemplando uma injunção.

Ao fim da conversa, Jesus põe-se em uma posição de superioridade ao julgar a preocupação de Marta, logo depois expondo seu ponto de vista do modo de saber do comportamento elocutivo ao afirmar que Maria tinha escolhido a boa parte, que seria ficar ao lado de Cristo ouvindo-o.

Quanto aos actantes narrativos, tem-se que Jesus age como um aliado de Maria ao defendê-la de sua irmã, que havia ficado sozinha no serviço da casa, sendo assim beneficiário da irmã mais nova. Além disso, por levantar essa recusa, o homem estaria agindo como oponente de Marta, já que contrariou o projeto dela. Cristo, nas duas ações, age de forma voluntária e direta. Já Marta, que iniciou a ação, é a actante que age a tornar Cristo seu aliado para pedir ajuda de sua irmã, o que faz de forma voluntária e direta.

Nos processos narrativos, observa-se que o ato de Cristo cai sobre Maria a fim de melhorar seu estado inicial, assim intervindo em favor dela. Nisto, é possível levantar que os atos de fala de Jesus influenciam a irmã mais nova de Marta encorajando-a à esperança de que seu comportamento, ficar ouvindo a Cristo, era positivo.

Por fim, em relação à sequência da narrativa, observa-se que a abertura acontece com Jesus sendo convidado para ir à casa de Marta e Maria. A falta apresenta-se no instante em que a irmã mais velha pede a Cristo que diga a sua irmã mais nova que ajude-a. A busca ocorre com ele defendendo Maria por estar ouvindo suas palavras, escolhendo a boa parte. Assim, o estado final é de êxito para a irmã mais nova e Jesus, porém de fracasso para Marta, que não consegue ter ajuda nos afazeres.

4.2 As passagens do livro de João

João, pelo que se pode observar em seu evangelho bastante pessoal e profundo, foi um dos discípulos próximos de Jesus, fazendo parte dos doze escolhidos para segui-lo mais de perto. Também fazia parte do trio Pedro, Tiago e João, que passaram momentos particulares de revelações com Cristo, como a transfiguração em Marcos, capítulo 9. Além disso, foi também o discípulo mais chegado a Jesus, o qual o incumbiu de cuidar de sua mãe após sua morte e ressurreição na cruz, como está descrito em João 19:26-27.

Segundo Tenney (2008), de todos os quatro primeiros livros do novo testamento, João foi o mais invulgar e pessoal, o qual também demonstrou ser testemunha ocular de todos acontecimentos que narra em seu evangelho. Ainda, de acordo com o autor, o evangelista traz que diversos outros milagres foram contemplados pelos seguidores de Jesus, mas que somente alguns foram descritos para que as pessoas que lessem a obra viessem a crer. Dos sete milagres narrados, tendo um maior foco em Jesus do que em algum ensinamento, cinco deles são narrados somente no livro joanino, como a passagem da samaritana no poço, narrativa mais longa do contato de Cristo com uma mulher.

Não obstante, Tenney (2008) também ressalta que João foi o único discípulo a morrer de velhice, passando boa parte desse tempo na Ilha de Patmos, local onde recebeu a revelação do livro de Apocalipse. Em relação aos outros discípulos, estes acabaram morrendo em vista

de alguma ordem de condenação, como decapitados, enforcados ou até crucificados de cabeça para baixo, como foi o caso de Pedro.

Diferente de Lucas, seguindo o que explica Charaudeau (2019), João pode ser classificado como um autor-indivíduo, principalmente por ser um agente na vida social da época e por passar seu testemunho acerca do que viu e protagonizou ao andar com Jesus. Já relativo ao narrador, o discípulo pode ser caracterizado com o papel de historiador, evocando o leitor-destinatário a captar as passagens do evangelho como histórias reais.

Nas próximas três seções finais da análise, serão apresentadas as histórias do livro de João, juntamente com suas análises teológicas e linguísticas.

4.2.1 A conversa de Jesus com uma mulher samaritana no poço (João 4: 1 - 30)

Nesta primeira passagem do livro de João, o narrador conta sobre o encontro mais longo e pessoal de Cristo com uma mulher. No contexto apresentado, Jesus estava indo para a Galiléia, porém tinha que passar por Samaria até chegar lá. Ao passar pela cidade de Sicar e sentir sede, Cristo foi até um poço e se sentou na sua beirada. É neste momento que uma samaritana se aproxima para tirar água e ele pede-lhe um pouco.

Com a pergunta repentina, a mulher questiona como Jesus sendo judeu poderia pedir água a ela, que era de Samaria, já que, como está escrito na passagem, judeus não se davam bem com samaritanos. Com isso, Cristo afirma que se ela conhecesse quem ele era e o dom de Deus, teria pedido água viva para ele. Após ficar intrigada com essa questão da água viva, o homem questiona ela sobre seu marido, logo depois levantando a questão de que ela vivia com um homem com o qual não era casada, impressionando a samaritana com esta revelação.

Depois de falar sobre a necessidade de crer nele e sobre salvação, Jesus ouve a mulher afirmar que o salvador estava por vir, ao que, na hora, Cristo revela ser o tal. Neste momento, os discípulos retornam para onde os dois estavam e se impressionam ao ver Jesus falando com uma mulher. Esta, deixando seu cântaro de pegar água, vai a cidade divulgar sobre o homem que havia falado sobre sua vida sem nem conhecê-la, o que fez diversos homens irem até Jesus com ela.

Na passagem em questão, é interessante observar a reação surpresa dos discípulos ao retornarem para onde Cristo estava com a mulher. Segundo Gundry (2008), mesmo havendo

diferenças de região para região, geralmente as mulheres tinham diversas restrições ao conviver em sociedade. Uma das mais comuns era viverem incultas e passarem o mais despercebidas possíveis em boa parte das ocasiões.

Já em relação à origem da mulher da história, sabe-se que, na época em que Jesus estava, os samaritanos não tinham uma relação agradável com os judeus, isso por serem boa parte filhos de judeus com pessoas de outras nacionalidades, não possuindo um sangue judeu puro como os demais que se encontravam nas regiões de Judá, onde Jesus nasceu. Entende-se que, mesmo não existindo essa questão de sangue puro, as pessoas da época não compreendiam esse assunto e levavam-o com olhares preconceituosos.

É importante ressaltar outros dois aspectos sobre as mulheres da época que Gundry (2008) traz: o nascimento de filhas mulheres e o casamento. No primeiro deles, o autor aponta o quão desprezados os bebês do sexo feminino eram, sendo grande parte abandonada em locais inóspitos, como vielas e colinas. Ao passarem por esses locais, pessoas podiam recolher as meninas e então criá-las a fim de torná-las prostitutas.

Quanto ao casamento, ponto levantado pelo próprio Jesus ao afirmar que a mulher já estava com o quinto homem, o qual nem ao menos era seu marido, vale apresentar o que Gundry cita. O autor, ao comentar sobre família, levanta as características de honra, as quais eram preocupações sanadas após o casamento, o que tirava a vergonha familiar. Nisto é entendível o comentário de Cristo e a surpresa da mulher ao ver que ele sabia de sua história, fazendo-a concluir que ele era um profeta.

Além disso, tratando da água viva que Jesus afirma possuir e ser capaz de dar àquela mulher, o teólogo aponta que o assunto não se tratava de água literalmente, mas do Espírito que dá a vida eterna que Cristo, como salvador do mundo, poderia oferecer a quem quisesse e viesse pedir. A mulher, ao questioná-lo sobre essa água, demonstra que não compreendeu sobre o que ele falava.

Relativo ao eu enunciador de Cristo nessa passagem, observa-se que ele não possui preconceitos ao se dirigir a tu interpretante da mulher, que recebe suas falas de bom agrado. Ademais, vemos um eu enunciador que, apesar de estar em uma relação de poder e superioridade, deseja oferecer a salvação para ela também, mesmo sendo um indivíduo do sexo feminino, que era visto com maus olhos na época, e samaritana, povo desprezado pelos judeus.

Quanto às falas de ambos, vemos Jesus assumir primeiramente uma posição de petição no comportamento alocutivo quando pede água à mulher, o que caracteriza-se por uma posição de inferioridade. Esta, por sua vez, também se põe em lugar de inferioridade ao questionar como ele poderia estar pedindo água a uma mulher samaritana. Em seguida, Cristo se comporta de forma elocutiva, ao demonstrar seu ponto de vista de engajamento com a declaração de que se ela conhecesse com quem estava falando e também o dom de Deus, poderia pedir água viva e lhe seria dado.

Colocando-se em posição superior do modo alocutivo, a mulher questiona sobre a água, também julgando a Cristo se ele era maior que o Pai Jacó que deu-lhes o poço. Ao responder o questionamento da mulher, Jesus se comporta novamente de forma elocutiva, declarando que a água do poço faria ela ter sede novamente, porém a água viva saciá-la-ia para sempre, jorrando igualmente para a vida eterna. Assim, em um comportamento alocutivo de inferioridade, a samaritana assume uma petição ao pedir dessa água, para que então não tenha mais que voltar a buscar.

Com isso, Jesus faz uma injunção relativa ao marido da mulher, sendo uma ordem que está no modo alocutivo de superioridade, ao que esta responde no modo elocutivo de ponto de vista de saber, constatando sobre o assunto. Cristo, ao ouvir a resposta, também se comporta do mesmo modo que ela, porém expondo seu ponto de vista de engajamento com a declaração de que ela já teve cinco homens e esse que estava com ela no momento não era seu marido, acabando sua fala dizendo que o que ela havia dito era verdade. Nesta parte do diálogo, é possível observar o julgamento de Cristo sobre a vida da mulher, por mais que não gere danos para ela.

A mulher então também se comporta de modo elocutivo ao declarar que Jesus era profeta e iniciar outro assunto sobre local de adoração dos judeus, ao que Cristo expõe sua opinião em um ponto de vista de avaliação, logo depois encerrando a conversa com a declaração da mulher sobre a vinda do messias, ao qual Cristo declara ser ele o salvador. A conversa nesta parte parece seguir por um comportamento elocutivo de exposições de pontos de vista de declaração e engajamento.

Nesta construção narrativa, observa-se que as ações e falas de Cristo demonstram um actante que age de forma voluntária e direta a fim de beneficiar a mulher com sua oferta de água viva, por mais que possa levantar os pontos de ela estar com o quinto homem, o que

estabelece uma relação de julgamento, e ser uma samaritana que ainda aguarda a vinda do salvador, o qual já estava em sua presença. Já a mulher, que sofre a ação, é beneficiária e age com a intenção de retribuir o que lhe foi oferecido, chamando, ao fim da narrativa, outros homens para que conheçam também Jesus e tudo o que ele pode fazer.

Em relação aos processos narrativos, tem-se que os atos de fala de Jesus caem sobre a mulher a fim de melhorar seu estado inicial, intervindo em favor dela, fazendo assim que possa solucionar o que problema de sede que possui, por mais que seja no aspecto espiritual e não físico.

Assim, relativo à sequência narrativa, observa-se que a abertura acontece com Jesus sentando na beira do poço e iniciando uma conversa com uma samaritana. A falta é relatada por Cristo ao comentar sobre a água viva que poderia oferecer à mulher. A busca ocorre com ela tentando entender melhor quem era aquele homem que lhe oferecia água. Assim, o estado final é de êxito para ambos, pois Jesus revela ser o messias, o qual poderia salvá-la, o que a surpreende, e a leva a chamar seus conhecidos para ouvi-lo.

4.2.2 A mulher pega em adultério e levada até Jesus para ser julgada (João 8: 1 - 11)

Esta é uma das passagens mais lembradas quando se trata de Jesus interagindo com uma mulher, principalmente por pessoas que nunca leram a Bíblia. Nesta história, depois de descer do monte das Oliveiras e aparecer no templo, Cristo colocou-se a ensinar como costumeiramente fazia. De repente, durante sua fala, fariseus e mestres da lei trazem uma mulher que eles pegaram em adultério. Com isso, colocam-na de pé na frente de todos e pedem que Cristo julgue o caso, já que na lei de Moisés ela merecia o apedrejamento.

Naquele momento, Jesus nada fez, abaixando-se no chão e começando a escrever na areia com o dedo, ao que continuou a ser questionado. Levantando novamente, ele autoriza que quem não tinha pecado poderia atirar a primeira pedra na mulher, ao que todos, do mais velho ao mais novo, resolvem sair ao ouvir tais palavras.

Depois de todos saírem, Jesus dirigiu-se à mulher perguntando onde estavam todos e se ninguém a havia condenado, ao que ela responde com um simples “Ninguém, Senhor.”. Cristo, depois de ouvi-la falando isso, declarou que também não a condenava, dizendo que

poderia ir embora, mas que abandonasse sua vida de pecado, ou seja, a vida de adultério que levava até aquele dia.

Para que se possa entender melhor a situação, a Bíblia King James (2016) traz alguns esclarecimentos sobre essa passagem. Primeiramente, em suas notas de explicação, cita que a palavra "surpreendida" pode ser também entendida como "encontrada" em outras versões, o que dá a entender que possivelmente os mestres e fariseus encontraram-na e trouxeram-na minimamente vestida. Além disso, possivelmente o homem foi ignorado na situação, o que fez só levarem a mulher a julgamento público.

Outro aspecto que a King James (2016) apresenta é que os mestres da lei citados na passagem, também comumente chamados de escribas, eram "doutores da Lei entre os judeus, com a responsabilidade de copiar os originais bíblicos sem erros ou alterações". Através desses processos, esses estudiosos do velho testamento adquiriam grande conhecimento do que escreveu Moisés em suas passagens do Pentateuco (cinco primeiros livros da Bíblia), mais especificamente a citada no texto, Levítico 20:10, que trata sobre adultério. Porém, é interessante levantar que eles ignoram a parte que cita que não só a adúltera, mas também o adúltero devem ser executados.

Gundry (2008) aponta outro importante ponto da passagem: o julgamento de Jesus. Ao confirmar que a mulher poderia ser morta por apedrejamento, Cristo iria contra as leis romanas da época, que não permitiam que judeus ordenassem isso. Porém, se Jesus dissesse que não era para executá-la, iria contra a lei de Moisés, que ordenava tal ato. Esse dilema foi resolvido com sabedoria, já que Cristo se encontrava em um impasse.

O teólogo Pinto (2008) concluiu, com a história de Jesus e a mulher adúltera, que houve uma demonstração do quão sábio e perdoador Jesus era, o que muito faltou da parte dos mestres da lei e fariseus, que agiram de forma desonesta em sua intelectualidade e conhecimento, além de sem sensibilidade espiritual como líderes religiosos.

Neste penúltimo texto, quanto aos aspectos linguísticos, observa-se um eu enunciador como um Cristo perdoador, igual ao citado anteriormente, e muito inteligente, pois foi necessário mudar a estratégia para que não caísse sobre ele a armadilha traçada pelos escribas e fariseus.

Observando as falas dos actantes, primeiramente temos o questionamento por parte dos mestres e fariseus para que Jesus julgue o caso da mulher, o que pode ser classificado

como uma falsa modalidade alocutiva de inferioridade, já que eles perguntam somente para botá-lo à prova e fazê-lo cair em uma armadilha. Após o silêncio, questionando-o novamente, Cristo diz para atirar a primeira pedra quem não tivesse pecado, demonstrando aqui outra fala alocutiva, mas de superioridade, já que está autorizando o apedrejamento sob a condição de que quem o fizer deve ser alguém sem pecados.

Ao dirigir-se à mulher, após a partida de todos depois de sua autorização, Jesus coloca-se em posição de inferioridade no modo alocutivo quando pergunta à individua onde estavam os mestres e o povo, depois pedindo se ninguém tinha condenado-a. Assim, a mulher se comporta de forma elocutiva quando expõe seu ponto de vista de modo de saber, ao constatar que ninguém estava mais lá. Assim, fechando a passagem, Cristo demonstra um comportamento elocutivo do ponto de vista de motivação com sua declaração de também não condená-la, por mais que estabeleceu um julgamento sobre ela, para assim finalizar alocutivamente com superioridade ao dizer para que ela fosse e abandonasse sua vida de pecado.

Em relação aos actantes narrativos da história, os mestres e fariseus são os actantes que agem, ou seja, iniciam a ação. Eles agem de forma a agredir Jesus no sentido de colocá-lo em uma armadilha ética e moral. Os homens o fazem de maneira voluntária e direta. Jesus, actante que sofre a ação, acaba escapando de ser vítima, já que usa de sua sabedoria para ser benfeitor da mulher.

Nestes processos narrativos, o ato dos mestres recai sobre Jesus, a fim de degradar seu estado inicial, assim como também o estado da mulher. A degradação deles intenta que Cristo cometa uma transgressão da lei mosaica ou romana, caracterizando-se como uma intervenção contra ele. Já em relação à mulher, o intuito é de eliminação. Porém, com a mudança de desfecho, Jesus se torna um actante que age sobre o outro, com a intenção de melhorar o estado inicial da mulher, intervindo em favor dela.

Assim, a sequência lógica da narrativa apresenta a abertura com a chegada dos mestres da lei e fariseus trazendo uma mulher encontrada em adultério. A falta acontece quando esses homens questionam a Jesus o que ele faria para julgá-la, ao que na busca ele pede que atire a primeira pedra quem estava sem pecado. Com isso, o estado final é de êxito para Jesus e para a mulher, já que Cristo se livra da armadilha imposta pelos líderes religiosos e a mulher escapa do apedrejamento.

4.2.3 Maria Madalena se encontra com Jesus no sepulcro após sua ressurreição (João 20: 11 - 18)

Nesta última passagem do livro de João, Maria Madalena, fiel seguidora de Jesus, se encontra no sepulcro de Cristo três dias após a sua morte, no dia em que ele haveria de ressuscitar. Nenhum corpo estava lá. Quando ela se curvou para olhar para dentro de onde o ele havia sido sepultado, viu dois anjos, os quais lhe perguntaram o motivo do seu choro. Ela respondeu que haviam levado o corpo de Cristo embora e não sabia onde haviam colocado. Depois de falar isso e se virar, viu Jesus ali em pé, mas não reconheceu que era ele.

Iniciando uma conversa, Jesus pergunta o porquê de seu choro e também a quem procurava. Ela responde, pensando que é o jardineiro, e pede se o homem havia levado o corpo e onde estaria para ela buscar. Ao chamá-la pelo nome, Maria vira-se para Jesus e o reconhece. Assim, o ressuscitado pede a ela que não o segure, mas que chame os discípulos e lhes fale algo. Com isso, a mulher anuncia aos discípulos sobre Cristo, afirmando que o viu e o que ele lhe dissera.

A King James (2016), ao tratar desta passagem, comenta que o ato de Maria Madalena ir ao sepulcro de Jesus logo ao amanhecer do terceiro dia, seria com a intenção de dar ao corpo dele um descanso digno. Também, fazer este tratamento demonstrava que ela tinha posses, sendo capaz de gastar dinheiro pelo local e despesas necessárias que viriam com o cuidado do corpo do até então falecido.

Porém, o que se destaca nessa passagem, e que Gundry (2008) relata, é o fato de um discípulo não ter sido o primeiro a contemplar Jesus ressurreto, mas sim Maria Madalena, uma mulher. O autor ressalta que a crença na historicidade desse texto acontece exatamente por ser uma indivíduo a ver Jesus, já que, se fosse um dos seguidores de Cristo, a passagem poderia ser distorcida em favor do que fosse narrar o acontecimento. Além disso, destaca-se o que o teólogo descreveu anteriormente ao abordar sobre as mulheres serem mal vistas ou um resto da sociedade, algo que Cristo não levou em consideração em seu comportamento amável e compreensível com elas.

Abordando os aspectos linguísticos, é possível afirmar que o eu enunciator de Cristo nessa passagem é um homem amável, por se preocupar com o choro de sua seguidora após

sua morte e sumiço do corpo, e igualmente alguém que pode ter intencionalmente buscado se revelar primeiramente a uma mulher, algo que não pode ter sido mera coincidência. Também, ressalta-se a tu interpretante de Maria como alguém preocupado, mas principalmente disposto a seguir a Jesus aonde for, igualmente as suas ordens.

Os anjos, na mencionada passagem, iniciam a conversa se comportando de forma inferior no modo alocutivo ao perguntarem à Maria Madalena sobre o motivo do seu choro, ao que ela apresenta um ponto de vista de engajamento do modo elocutivo ao declarar que tinham levado a Cristo e não sabia onde o colocaram. Assim que Jesus aparece a ela, ele se coloca na mesma posição que os anjos anteriormente, questionando também o choro da seguidora, adicionando à pergunta de quem ela procurava.

Com isso, Maria se põe novamente em posição de inferioridade da modalidade alocutiva ao fazer um questionamento em relação a onde estava o corpo de Cristo, já que o estava confundindo com o jardineiro do local. Após a pergunta, Jesus se comporta de modo elocutivo com uma constatação de saber, ao que a mulher também, já que ambos reconhecem a presença um do outro.

Quanto aos componentes da lógica narrativa, observa-se que os anjos são os actantes que iniciam a ação, fazendo-a de forma a serem aliados de Maria, associando-se a ela para auxiliar em meio ao seu lamento pelo desaparecimento do corpo de Jesus. Eles o fazem de forma voluntária e direta, ao que ela recebe bem ao respondê-los porque chorava. Porém, a linha da conversa muda quando Jesus se torna o actante que continua a conversa no lugar dos anjos, também agindo para ajudá-la em meio ao seu pranto, mas como benfeitor dela. Ao receber a ação de Jesus, Maria recebe-a como beneficiária, já que muito se alegra com a presença dele. Assim, com esta alegria, reage em retribuição de Cristo ao seguir seu pedido e ir informar aos discípulos sobre a aparição de Jesus e o que ele lhe falara.

No que se refere aos processos narrativos, observa-se que o ato de Jesus cai sobre Maria a fim de melhorar seu estado inicial, intervindo em favor dela durante seu lamento. Desta forma, a mulher também realiza o ato de retribuir a conversa com Cristo ao ir aos discípulos contar-lhes o que ele pedira. O tipo de ato de fala que influencia a individua para que ela vá seguir as ordens de Jesus são de encorajamento, principalmente ao afirmar que Deus era pai e Deus deles.

Assim, no que concerne à sequência da lógica narrativa, tem-se uma abertura com Maria Madalena no sepulcro de Jesus. A falta apresenta-se no choro da mulher em lamento pelo sumiço do corpo dele. A busca acontece por parte do próprio Jesus ao declarar explicitamente a sua presença. Desta maneira, o estado final é de êxito para ambos, já que Maria encontra o que procurava e Jesus tem seu pedido atendido.

Na seção seguinte, serão apresentados os aspectos gerais que comumente apareceram nas histórias analisadas anteriormente, parte que corresponde ao ponto final da análise de conteúdo de Bardin (2010), ou seja, a observação dos resultados alcançados.

5 ANÁLISE GERAL DOS DADOS OBTIDOS

A partir da análise de cada uma das passagens dos evangelhos de Lucas e João, vários aspectos foram levantados para compor esta análise geral. Assim, se tratará de cada ponto do mais amplo até os mais específicos de todas as passagens que Jesus se relaciona ou fala sobre as mulheres.

Porém, antes de ser tratado sobre a seção em questão, traz-se Bardin (2010), a fim de apontar o caminho em que este trabalho foi traçado. Primeiramente foi realizada a pré-análise, processo no qual foram lidos os evangelhos, levantadas todas as passagens em que Cristo fala com mulheres e então separados dois livros que continham as passagens mais relevantes, além também de melhor desenvolvidas, já que em algumas obras dos discípulos poderia haver pobreza em detalhes quando em comparação com outras.

Outro processo que contempla a análise de conteúdo de Bardin (2010) é a exploração de material. Esta parte foi feita na análise das passagens, iniciando pela exploração dos evangelhos de modo geral e depois das histórias que cada um traz. Por fim, na construção que está descrita abaixo, será apresentada a análise dos resultados obtidos, ou seja, as considerações e inferências que podem ser tiradas a partir das explorações dos contextos e interações de Jesus com as mulheres na Bíblia.

O primeiro ponto que pode ser levantado, principalmente nos aspectos contextuais trazidos por Tenney (2008), é a enorme desvalorização da mulher pelos homens e pela sociedade judaica da época. Este padrão de desprezo pelo sexo feminino é constantemente ignorado por Jesus, já que ele as trata bem, sem nenhum ato discriminatório. Indo além,

Cristo busca tanto trazê-las para perto para ouvi-lo, como na história de Marta e Maria em Lucas 10, quanto oferecer-lhes a salvação, tendo a mulher samaritana de João 4 como exemplo. Nesta segunda passagem, não somente ignora o fato de a samaritana ser mulher, como também ser de Samaria, região onde habitavam diversas pessoas com rivalidades com os judeus de Judá, onde havia nascido Jesus.

Mesmo com este tratamento duro, as mulheres da época compreendiam seu lugar de depreciação e não negavam isso, sempre se submetendo e temendo aos homens, como na passagem da cura da mulher do fluxo de sangue, a qual sente medo ao ver Jesus insistir em saber quem o havia tocado. Também, é observável esta questão de posição social e lugar de limitação na fala de Marta ao pedir que Jesus ordene que sua irmã ajude-a nos afazeres ao invés de ficar ouvindo a Cristo junto aos discípulos.

Ainda, quanto às mulheres dos evangelhos, observa-se que Maria Madalena, na passagem de João 20, foi uma das poucas a estar em um lugar de posição diferente das outras mulheres dos evangelhos de Lucas e João, já que essa também foi incluída como discípula de Cristo, além de ser muito próxima dele, sendo a primeira pessoa que contemplou a Jesus após sua morte e ressurreição, privilégio que os discípulos gostariam de ter tido.

Quanto aos aspectos linguísticos, em relação ao eu enunciador de Cristo em cada passagem, é possível ver dois papéis que comumente Jesus assume: o de ensino e o de perdão. O primeiro ponto pode ser observado na passagem da mulher que o unge, já que ele fala da parábola para todos os presentes. Já quanto à característica de um Cristo perdoador de pecados, claramente na história da mulher surpreendida em adultério, Jesus busca perdoar e conceder-lhe liberdade para viver uma nova vida.

Quanto aos actantes e os processos narrativos, Jesus foi sempre o benfeitor das mulheres, agindo em favor delas para defendê-las ou tirar dúvidas que haviam surgido. Nestes processos, Cristo melhorou o estado inicial das indivíduos, intervindo em favor delas, diferentemente do que se esperava de um homem nos tempos em que Jesus nasceu, como vimos na passagem da mulher que unge ele e é criticada por Simão, o anfitrião do jantar em que estavam.

Porém, dentre todos pontos abordados anteriormente nesta análise, o mais interessante é a construção da análise em todas passagens trazidas. Em um apanhado geral, as mulheres foram sempre as que geraram ou apresentaram a falta, ou seja, o problema da narrativa, como

na passagem da mulher que unge a Cristo, iniciando uma conversa fervorosa entre o anfitrião e Jesus sobre sua invasão no jantar. Por outro lado, Cristo era sempre quem ia em busca das soluções dos conflitos, tendo como exemplo ele defendendo Maria de sua irmã que exigia a sua presença nos afazeres domésticos ao invés de ouvir a Jesus.

Ainda em relação à sequência narrativa, houve um bom resultado por parte de Jesus ao resolver os problemas desenvolvidos nas histórias, o que também favoreceu as mulheres e ajudou-as em suas problemáticas, algo visto principalmente no acontecimento da cura da mulher do fluxo de sangue.

Na seção seguinte, está apresentada a conclusão, que tratará de discutir sobre os pontos que esta pesquisa se propôs a analisar e alcançar.

6 CONCLUSÃO

Para a presente pesquisa, foram analisadas as interações de Jesus Cristo com mulheres na Bíblia. Em virtude desta construção, no referencial teórico foram apresentados os aspectos linguísticos, utilizados principalmente por Patrick Charaudeau (2019), como o eu enunciador e as encenações narrativas, e aspectos bíblicos, desenvolvidos por diversos autores como Zuck (1994) e Won (2020). Na metodologia, utilizou-se do procedimento de análise textual que foi elaborado por Bardin (2010). Assim, ao final da análise geral, alguns aspectos destacaram-se e serviram de apontamentos para esta conclusão, como o problema elaborado no início do trabalho, o qual buscava entender como se dava a construção da mulher no discurso bíblico de Jesus sob as abordagens teóricas mencionadas. O problema foi respondido tendo em vista as defesas que Jesus fez quando as mulheres eram criticadas ou julgadas, pois ao interagir com elas, ele demonstrava que via a mulher como alguém a ser protegido e salvo, mesmo em um tempo em que o sexo feminino era altamente desprezado.

Como objetivo geral, o trabalho se propôs a verificar a elaboração do discurso bíblico de Jesus e suas interações com as mulheres, observando os aspectos regidos por Charaudeau (2019) e alguns teólogos, o que foi alcançado através das análises das passagens de Lucas e João. Estes desenvolvimentos exploraram o contexto dos autores - Lucas sendo um médico e pesquisador que escrevia para um homem que queria conhecer a Jesus (Teófilo), ou seja, o evangelista não foi discípulo direto de Cristo, e João, que foi o amigo e seguidor mais

próximo de Jesus -, também detendo-se na construção do eu enunciator de Cristo e dos modos de organização do discurso dele e dos outros integrantes das histórias.

Quanto aos objetivos específicos, temos o primeiro que se tratava do levantamento e averiguação das passagens em que ocorreram interações de Cristo com mulheres. Este ponto pode ser considerado alcançado, já que foram levantadas as 3 passagens mais relevantes para análise tanto em Lucas quanto em João, que posteriormente serviram para reflexão e discussão dos aspectos histórico-teológicos e narrativos. As histórias utilizadas nesta pesquisa foram: a mulher “pecadora” que unge Jesus (Lucas 7: 36 - 50), a cura da mulher do fluxo de sangue (Lucas 8: 40 - 48), as irmãs que receberam Jesus em casa (Lucas 10: 38 - 42), a conversa com uma mulher samaritana no poço (João 4: 1 - 30), a mulher pega em adultério (João :8 1 - 11) e Maria Madalena no sepulcro (João 20: 11 - 18).

O segundo objetivo específico tratava a respeito da discussão, sob a perspectiva teológica, da visão de Cristo quando apresenta a concepção de mulher. Ele pode ser considerado atingido na medida em que se observa o tratamento de Jesus ao se dirigir a uma samaritana, deixando os preconceitos da época e estabelecendo uma conversa ao lado de um poço, ou também na história de Marta e Maria, na qual Jesus apresenta a possibilidade de uma mulher que pode segui-lo e ouvi-lo livremente, sem barreiras de tarefas domésticas ou lugar próprio para as pessoas do sexo feminino estarem.

Por último, o terceiro objetivo específico propõe a investigação da construção do eu enunciator de Jesus nos seus discursos bíblicos. Também alcançada, esta consideração foi exposta durante as análises, nas quais tivemos Jesus colocando-se majoritariamente como um homem perdoador e salvador, que queria salvar não somente homens para o seu reino eterno, mas também mulheres. A história da mulher que unge Cristo é um excelente exemplo, pois Jesus finaliza aquele jantar na casa de Simão afirmando que a fé da mulher a havia salvado, assim como também tem a intenção de salvar a mulher samaritana no poço, já que tenta expor o plano de salvação para ela através do diálogo, não se importando com a rixa presente entre judeus e samaritanos ou com o status de depreciação das pessoas do sexo feminino.

Assim, apesar de tudo, entende-se que este trabalho possui suas limitações, já que outras passagens poderiam também ter sido analisadas, o que estenderia um pouco mais o leque de possibilidades de reflexão quanto ao eu enunciator de Jesus e suas interações com mulheres. Com isto, é possível que futuramente sejam elaboradas pesquisas que tragam as

outras narrativas que aqui não foram contempladas, além também de outras visões linguísticas e teológicas sobre o tema em questão.

Posto isto, é possível concluir afirmando que Jesus, nas passagens bíblicas que foram levantadas, trouxe uma reflexão positiva sobre as mulheres, o que serve para contribuir na desmistificação do que pensam sobre Cristo, principalmente pelo mal exemplo de diversos cristãos. Esta pesquisa também coopera para que eu continue em minha caminhada pela fé cristã, sem medo de afirmar que creio em um homem que deveras apreciava as mulheres e lhes atribuía grande valor em seu reino, a ponto de se revelar primeiramente a uma mulher assim que foi trazido da morte à vida após a sua ressurreição, o que ele poderia ter feito diferente, mas não o fez.

REFERÊNCIAS

A Bíblia da garota de fé: NVI / Textos adicionais escritos por Nancy Rue; traduzido por Omar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

Bíblia King James Atualizada (KJA). Tradução e revisão permanente a cargo do Comitê Internacional da Tradução Bíblia King James para a língua portuguesa, sob direção da Sociedade Bíblia Ibero-Amerinaca & Abba Press no Brasil. São Paulo: Abba Press, 2012.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed., 4º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2019.

CORRÊA-ROSADO, L. C. **Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos**. Belo Horizonte: Revista Memento V. 05, N.2. (julho-dezembro de 2014).

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e hermenêutica**. 3º edição revisada e ampliada - São Paulo: Vida Nova, 2011.

FLORES, Valdir Nascimento *et al.* **Dicionário de Linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de administração de empresas: São Paulo, v.35, nº3, p. 20 - 29. Mai./Jun. 1995.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. 3. ed. atual. e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento sua origem e análise** / Merrill C. Tenney; tradução Antonio Fagundes; revisado por Walter M. Dunnnett. - São Paulo : Shedd Publicações, 2008.

WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à bíblia**. 1.ed. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. São Paulo : Vida Nova, 1994.

ANEXOS

ANEXO A — Textos bíblicos escolhidos da Bíblia (Lucas e João)

- A mulher “pecadora” que unge Jesus (**Lucas 7: 36 - 50**)

36 Convidado por um dos fariseus para jantar, Jesus foi à casa dele e reclinou-se à mesa.

37 Ao saber que Jesus estava comendo na casa do fariseu, certa mulher daquela cidade, uma ‘pecadora’, trouxe um frasco de alabastro com perfume,

38 se colocou atrás de Jesus, a seus pés. Chorando, começou a molhar-lhe os pés com as suas lágrimas. Depois os enxugou com seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume.

39 Ao ver isso, o fariseu que o havia convidado disse a si mesmo: "Se este homem fosse profeta, saberia quem nele está tocando e que tipo de mulher ela é: uma ‘pecadora’".

40 Respondeu-lhe Jesus: "Simão, tenho algo a lhe dizer". "Dize, Mestre", disse ele.

41 "Dois homens deviam a certo credor. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinqüenta.

42 Nenhum dos dois tinha com que lhe pagar, por isso perdoou a dívida a ambos. Qual deles o amará mais? "

43 Simão respondeu: "Suponho que aquele a quem foi perdoada a dívida maior". "Você julgou bem", disse Jesus.

44 Em seguida, virou-se para a mulher e disse a Simão: "Vê esta mulher? Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com as suas lágrimas e os enxugou com os seus cabelos.

45 Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que entrei aqui, não parou de beijar os meus pés.

46 Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou perfume nos meus pés.

47 Portanto, eu lhe digo, os muitos pecados dela lhe foram perdoados, pelo que ela amou muito. Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama".

48 Então Jesus disse a ela: "Seus pecados estão perdoados".

49 Os outros convidados começaram a perguntar: "Quem é este que até perdoa pecados? "

50 Jesus disse à mulher: "Sua fé a salvou; vá em paz".

- A cura da mulher do fluxo de sangue (**Lucas 8: 40 - 48**)

40 Quando Jesus voltou, uma multidão o recebeu, pois todos o esperavam.

41 Então um homem chamado Jairo, dirigente da sinagoga, veio e prostrou-se aos pés de Jesus, implorando-lhe que fosse à sua casa

42 porque sua única filha, de cerca de doze anos, estava à morte. Estando Jesus a caminho, a multidão o comprimia.

43 E estava ali certa mulher que havia doze anos vinha sofrendo de uma hemorragia e gastara tudo o que tinha com os médicos; mas ninguém pudera curá-la.

44 Ela chegou por trás dele, tocou na borda de seu manto, e imediatamente cessou sua hemorragia.

45 "Quem tocou em mim? ", perguntou Jesus. Como todos negavam, Pedro disse: "Mestre, a multidão se aglomera e te comprime".

46 Mas Jesus disse: "Alguém tocou em mim; eu sei que de mim saiu poder".

47 Então a mulher, vendo que não conseguiria passar despercebida, veio tremendo e prostrou-se aos seus pés. Na presença de todo o povo contou por que tinha tocado nele e como fora instantaneamente curada.

48 Então ele lhe disse: "Filha, a sua fé a curou! Vá em paz".

- As irmãs que recebem Jesus em casa (**Lucas 10: 38 - 42**)

38 Caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado, onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa.

39 Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo-lhe a palavra.

40 Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. E, aproximando-se dele, perguntou: "Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude! "

41 Respondeu o Senhor: "Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas;
42 todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada".

- A conversa de Jesus com uma mulher samaritana no poço (**João 4: 1 - 30**)

1 Os fariseus ouviram falar que Jesus estava fazendo e batizando mais discípulos do que João,
2 embora não fosse Jesus quem batizasse, mas os seus discípulos.

3 Quando o Senhor ficou sabendo disso, saiu da Judéia e voltou uma vez mais à Galiléia.

4 Era-lhe necessário passar por Samaria.

5 Assim, chegou a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José.

6 Havia ali o poço de Jacó. Jesus, cansado da viagem, sentou-se à beira do poço. Isto se deu por volta do meio-dia.

7 Nisso veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: "Dê-me um pouco de água".

8 (Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida.)

9 A mulher samaritana lhe perguntou: "Como o senhor, sendo judeu, pede a mim, uma samaritana, água para beber? " (Pois os judeus não se dão bem com os samaritanos.)

10 Jesus lhe respondeu: "Se você conhecesse o dom de Deus e quem lhe está pedindo água, você lhe teria pedido e ele lhe teria dado água viva".

11 Disse a mulher: "O senhor não tem com que tirar a água, e o poço é fundo. Onde pode conseguir essa água viva?

12 Acaso o senhor é maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, bem como seus filhos e seu gado? "

13 Jesus respondeu: "Quem beber desta água terá sede outra vez,

14 mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna".

15 A mulher lhe disse: "Senhor, dê-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise voltar aqui para tirar água".

16 Ele lhe disse: "Vá, chame o seu marido e volte".

17 "Não tenho marido", respondeu ela. Disse-lhe Jesus: "Você falou corretamente, dizendo que não tem marido.

18 O fato é que você já teve cinco; e o homem com quem agora vive não é seu marido. O que você acabou de dizer é verdade".

19 Disse a mulher: "Senhor, vejo que é profeta.

20 Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar".

21 Jesus declarou: "Creia em mim, mulher: está próxima a hora em que vocês não adorarão o Pai nem neste monte, nem em Jerusalém.

22 Vocês, samaritanos, adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus.

23 No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura.

24 Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade".

25 Disse a mulher: "Eu sei que o Messias (chamado Cristo) está para vir. Quando ele vier, explicará tudo para nós".

26 Então Jesus declarou: "Eu sou o Messias! Eu, que estou falando com você".

27 Naquele momento os seus discípulos voltaram e ficaram surpresos ao encontrá-lo conversando com uma mulher. Mas ninguém perguntou: "Que queres saber? " ou: "Por que estás conversando com ela? "

28 Então, deixando o seu cântaro, a mulher voltou à cidade e disse ao povo:

29 "Venham ver um homem que me disse tudo o que tenho feito. Será que ele não é o Cristo?"

30 Então saíram da cidade e foram para onde ele estava.

- A mulher pega em adultério e levada até Jesus para ser julgada (**João 8: 1 - 11**)

1 Jesus, porém, foi para o monte das Oliveiras.

2 Ao amanhecer ele apareceu novamente no templo, onde todo o povo se reuniu ao seu redor, e ele se assentou para ensiná-lo.

3 Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério. Fizeram-na ficar em pé diante de todos

4 e disseram a Jesus: "Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério.

5 Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz? "

6 Eles estavam usando essa pergunta como armadilha, a fim de terem uma base para acusá-lo. Mas Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo.

7 Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: "Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela".

8 Inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão.

9 Os que o ouviram foram saindo, um de cada vez, começando com os mais velhos. Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele.

10 Então Jesus pôs-se de pé e perguntou-lhe: "Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?"

"

11 "Ninguém, Senhor", disse ela. Declarou Jesus: "Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado".

- Maria Madalena se encontra com Jesus no sepulcro após sua ressurreição (**João 20: 11 - 18**)

11 Maria, porém, ficou à entrada do sepulcro, chorando. Enquanto chorava, curvou-se para olhar dentro do sepulcro

12 e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e o outro aos pés.

13 Eles lhe perguntaram: "Mulher, por que você está chorando? " "Levaram embora o meu Senhor", respondeu ela, "e não sei onde o puseram".

14 Nisso ela se voltou e viu Jesus ali, em pé, mas não o reconheceu.

15 Disse ele: "Mulher, por que está chorando? Quem você está procurando? " Pensando que fosse o jardineiro, ela disse: "Se o senhor o levou embora, diga-me onde o colocou, e eu o levarei".

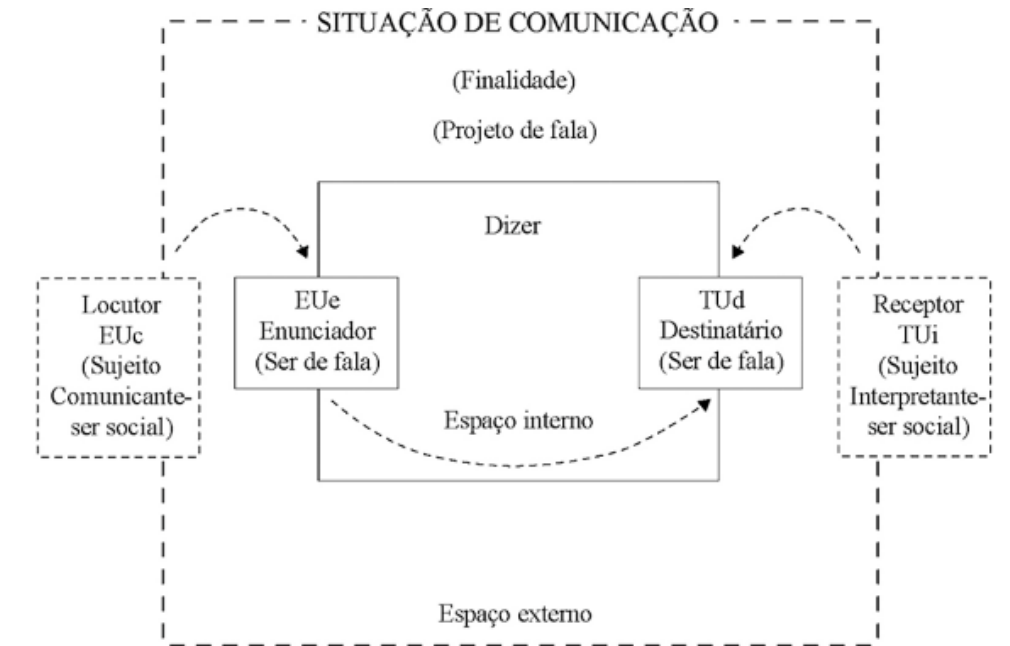
16 Jesus lhe disse: "Maria! " Então, voltando-se para ele, Maria exclamou em aramaico: "Rabôni! " (que significa Mestre).

17 Jesus disse: "Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai. Vá, porém, a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu Pai e Pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês".

18 Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: "Eu vi o Senhor! " E contou o que ele lhe dissera.

Fonte: Bíblia da garota de fé: NVI (2009)

ANEXO B — Quadro de situação de comunicação



Fonte: Charaudeau (2019, p. 52)

ANEXO C — Quadro dos comportamentos enunciativos

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DA LÍNGUA
RELAÇÃO DE INFLUÊNCIA (Relação do locutor ao interlocutor) ALOCUTIVO	Relação de força (locutor/interlocutor) +-	Interpelação Injunção Autorização Aviso Julgamento Sugestão Proposta
	Relação de pedido (locutor/interlocutor) -+	Interrogação Petição
PONTO DE VISTA SOBRE O MUNDO (relação do locutor consigo mesmo) ELOCUTIVO	Modo de saber -----	Constatação Saber/ignorância -----
	Avaliação -----	Opinião Apreciação -----
	Motivação -----	Obrigação Possibilidade Querer -----
	Engajamento -----	Promessa Aceitação/recusa Acordo/desacordo Declaração -----
	Decisão	Proclamação
APAGAMENTO DO PONTO DE VISTA (relação do locutor com um terceiro) DELOCUTIVO	como o mundo se impõe	Asserção
	como o outro fala	Discurso relatado

Fonte: Charaudeau (2019, p. 85)

ANEXO D — Questionário sobre os actantes narrativos

QUESTIONÁRIO SOBRE OS ACTANTES NARRATIVOS

- Verificar se o actante:

1. **Age:** é o iniciador, o responsável e o executante da ação.
2. **Sofre a ação:** A ação recai sobre ele. Ele a recebe de maneira mais ou menos passiva, é mais ou menos afetado por ela, é mais ou menos à ela submisso.

1. Se o actante age: ele o faz como:

- 1.1. **Agressor:** comete o malefício
- 1.2. **Benfeitor:** transmite um benefício (ver também 1.5).
- 1.3. **Aliado:** associa-se a um outro actante para auxiliá-lo ou defendê-lo, seja agindo diretamente sobre o adversário de outro actante, seja agindo ao mesmo tempo que este.
- 1.4. **Oponente:** contraria os projetos e as ações de um outro actante.
- 1.5. **Retribuidor:** dá a um outro actante ou uma recompensa (ver 1.2), ou uma punição (castigo).

- ele o faz de maneira:

- 1.a. **Voluntária:** ele é consciente, ele decidiu (ato intencional).
- 1.b. **Involuntária:** não é consciente, não decidiu (não intencional).
- 1.c. **Direta:** afrontamento direto.
- 1.d. **Indireta:** por meio de fingimento ou de intermediário.

- Se o actante sofre a ação, ele o faz como:

- 2.1. **Vítima:** é afetado negativamente pela ação de um outro actante.
- 2.2. **Beneficiário:** é afetado positivamente pela ação de um outro actante.

- Se o actante beneficiário reage, ele o faz por:

- 2.2.1 **Retribuição:** ele age retribuindo de maneira benéfica o outro actante
- 2.2.2. **Recusa:** ele recusa o benefício.

Q. Os tipos de qualificações

Q1: ***Qualificações positivas***: prestígio, virtude, força, inteligência, destreza, etc.

Q2: ***Qualificações negativas***: desconsideração (má reputação), vício (imoralidade, desonestidade), pusilanimidade, imbecilidade (estupidez), inabilidade, etc.

Fonte: Charaudeau (2019, p. 162 e 163)

ANEXO E — Questionário sobre os processos narrativos

QUESTIONÁRIO SOBRE OS PROCESSOS NARRATIVOS

- **Verificar se a realização de um ato recai principalmente:**

(1) *sobre si* (o agente é seu próprio beneficiário ou sua própria vítima)

(2) *sobre o outro* (o outro é o beneficiário ou vítima)

- **Verificar se o ato tem por função:**

(1) *melhorar* um estado inicial

(2) *conservar* um estado inicial

(3) *degradar* um estado inicial

- **Se a realização do ato recai sobre si, ele tem por função:**

1.1. O *Melhoramento* do estado inicial, por:

-) *eliminação* (de um adversário ou de uma ameaça)

-) *resolução* de um problema

-) *transgressão* (de uma regra, de uma proibição)

-) *negociação* (com um adversário ou oponente)

-) *embuste* (esperteza, cilada para sair de uma situação perigosa)

-) *resposta* (a um ato de agressão por um outro ato de agressão)

-) *vingança* (como autorreparação)

1.2. A *Conservação* de um estado inicial, por:

-) *eliminação* (de um adversário ou de uma ameaça)

-) *prevenção* (de um conflito, de um encontro), fuga

-) *neutralização* (de uma ameaça)

-) *negociação*

-) *embuste*

1.3 A **Degradação** do estado inicial, por:

-) *submissão* (à dominação do outro)
-) *sacrifício* (autodegradação voluntária)
-) *transgressão* (que desrespeita a lei)

- **Se a realização do ato recai sobre o outro**, ele tem por função:

2.1. O **Melhoramento** do estado inicial do outro, por:

-) *eliminação* (do adversário do outro)
-) *intervenção* (em favor do outro, auxílio)
-) *negociação* (em favor do outro)
-) *retribuição* (positiva - presente)

2.2 A **Conservação** do estado inicial do outro, por:

-) *eliminação* (da ameaça do outro)
-) *intervenção* (em favor do outro - proteção)
-) *neutralização* (de uma ameaça)

2.3. A **Degradação** do estado inicial do outro, por:

-) *agressão* (realização de um malfeito sobre outro)
-) *eliminação* (do outro como adversário, ameaça)
-) *embuste* (o outro é traído)
-) *vingança* (como punição do outro)
-) *retribuição* (como justiça - castigo)
-) *intervenção* (contra o outro)

- **Quais são os tipos de atos de fala** que podem ter uma influência sobre os atos potenciais do outro?

-) **informação/dissimulação** (como um “poder” dado (revelação) ou oculto ao outro)
-) **conselho/desaconselhamento** (como modelo de comportamento a seguir/a não seguir)
-) **encorajamento/dissuasão** (como estímulo à esperança/aos medos - à intimidação)
-) **proibição/autorização** (de realizar um ato)
-) **pedido** (de ajuda ou de informação)

Fonte: Charaudeau (2019, p. 165 e 166)